



UM MOMENTO DIFFICIL

- O senhor pôde-me fazer um favor, seu Evaristo?
- Pois não, minha senhora.
- E' guardar num bolso essa cabeça e esse rabinho de camarão que eu não sei onde atirar.



KOHOUT - NEW YORK

Elles não se emendam!

— Onde se viu um homem deixar de fumar? Não perca tempo, minha senhora, em procurar persuadir seu marido de que deve abandonar o cigarro. Tanto o protesto irritado como a exhortação carinhosa de V. Ex. são perfeitamente inúteis. O que resta fazer é corrigir os inconvenientes do fumo, dos quaes os mais flagrantes são a tosse de garganta e aquelle pigarro anti-pathico... Tenha sempre em casa um vidro de BROMIL. Faça seu marido tomal-o pela manhã e á noite e deixal-o fumar á vontade.

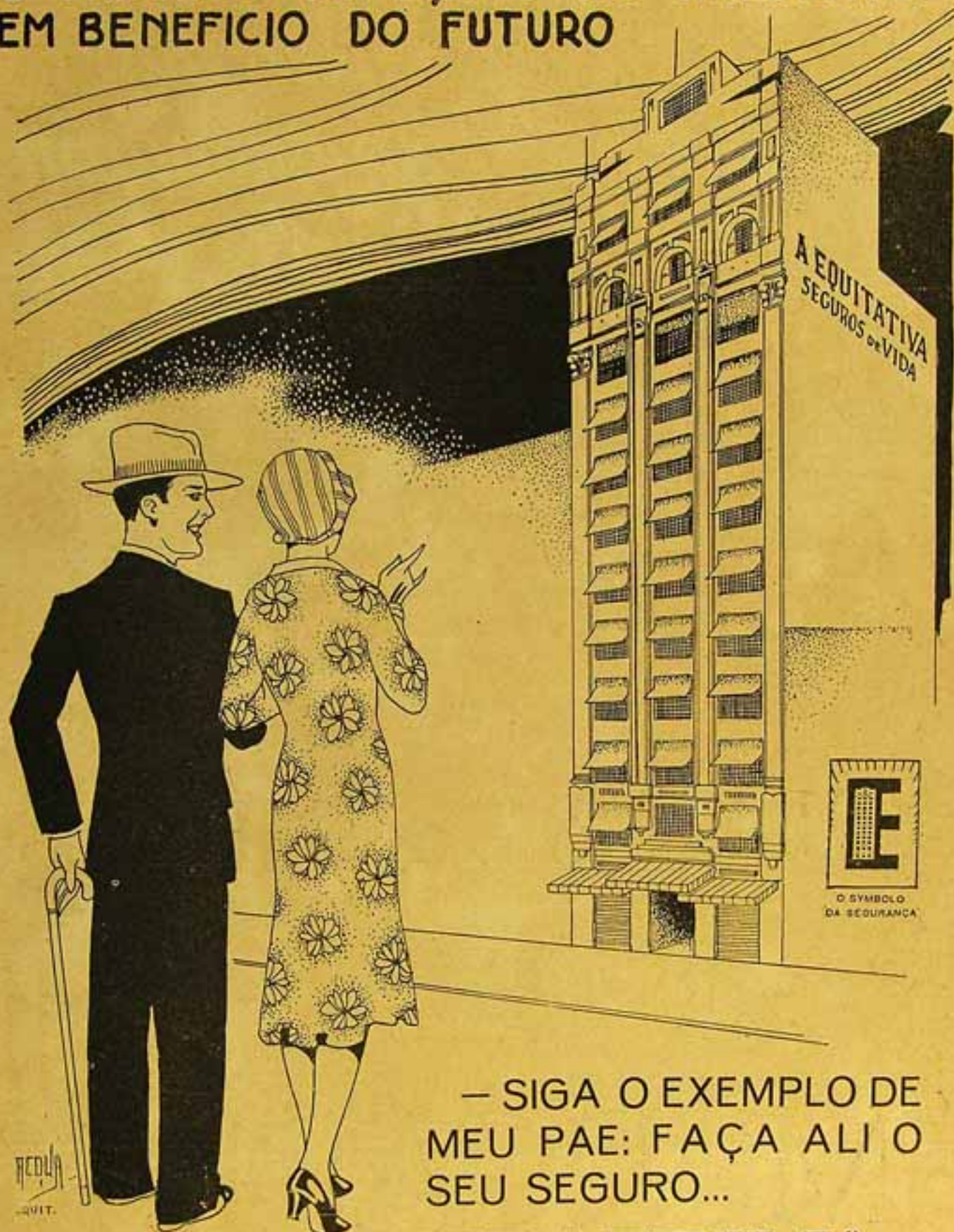
O Bromil é o melhor remedio do mundo para a tosse. A tosse sabe disto: quando o Bromil chega, a tosse se retira, modesta e discretamente...



TOSSE ? BROMIL

PARA TODOS...

O PASSADO DA LIÇÕES AO PRESENTE
EM BENEFICIO DO FUTURO



— SIGA O EXEMPLO DE
MEU PAE: FAÇA ALI O
SEU SEGURO...

A EQUITATIVA
SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA
SEDE SOCIAL: AV. RIO BRANCO, 125

PROCOPIO

ENCERRA NO DIA

29

A SUA VICTORIOSA

TEMPORADA.



VAE VISITAR OS

PAULISTAS e os GAUCHOS

PARA CONSOLAR-NOS DA AUSENCIA DE SUA
GRANDE ARTE, VAE-NOS DAR NESSE DIA 29 A
FORMIDAVEL PEÇA DE BALZAC

“MERCADET”

Onde o genio da Comedia Humana
teve a visão dos tempos que correm

PARA TODOS...



PASSEIO DE NUPCIAS

Elle — O que é que você prefere? Cinema ou média com pão 'petropolis e queijo?

OS DOIS HOMENS CELEBRES

Ao tempo em que o actor americano Raymond Hitchcock brilhava em New York no seu apogeu, o comediante londrino Eddie Foy surgiu lá em "tournée". E desde as primeiras representações, obteve também um grande êxito. Passando certa manhã pelo Daly's Theater, onde trabalhava o rival, Foy parou para olhar as photographias de Hitchcock expostas na entrada.

Debaixo das photographias, recortes de jornais contavam maravilhas do artista. Foy leu tudo com um sorriso divertido. Quando acabou de ler, viu perto um homem que também lia, e poz-se a conversar com elle:

— Está lendo? — indagou em ar de troca.

— Sim, senhor... — respondeu o outro, piscando um olho camarada.

— E que tal?

— Direito.

— Hitchcock é tão bom assim?

— Bom? E' o melhor do mundo.

Um mestre!

— Exaggero...

— O mestre dos mestres! O segundo, depois d'elle, não lhe chega aos calcanhares!

— Ora... Então Hitchcock é superior a Foy?

— Foy! Que vem fazer Foy, aqui? Não são da mesma classe. Hitchcock é um astro! Uma pes-

COCKTAIL

soa que comprehende, que comprehende e que sente, não pôde comparal-os. Palavra de honra que a sua pergunta me scandalisa.

Eddie Foy aprumou-se, ergueu bem alto a cabeça e disse esmagadoramente:

— Eu sou Foy!

— Já sabia... Desculpe... Eu sou Hitchcock...

DE MARCEL PROUST

E' sempre por causa de um estado de espirito destinado a não durar, que a gente toma resoluções definitivas.

NOSSOS AMIGOS MACACOS

O ultimo artigo de Bernard Shaw está assignado: "Consul Junior: Casa dos Macacos, Jardim Zoológico de Londres". E' uma defecalorosa dos macacos contra as experiencias dos medicos. Diz, por exemplo: "O homem continúa sen-



PALAVRAS DIFFICEIS

Elle — Tudo muito mal, D. Christina. Falta de numerario, oscillações cambiais, queda de títulos, retraimento absoluto...

Ella — Não será dos intestinos, "seu" Guimarães?

do o que sempre foi: o mais cruel dos animaes, o mais escandalosamente e o mais infernalmente sensual. Que elle não se lamente da sua parecença connosco: será sempre o que é, apesar dos esforços que faz para tornar-se um macaco respeitavel".

CRISE

Dizem que o theatro também sofre da crise espalhada no mundo inteiro. Mas, em Paris, o producto do imposto sobre as casas de espectaculos rendeu nos primeiros seis mezes deste anno cerca de sessenta milhões de francos.

Boa crise...

BIBLIOTHECAS

Conforme uma lista publicada pelo "Courrier du Livre", o numero de volumes que possuem as principais bibliothecas do mundo é o seguinte:

Paris (Bibliothèque Nationale) 3.732.319; Washington (U. S. A. L. of Congress) 2.948.789; New York (Public Library) 2.748.606; Londres (British Museum Library) 2.869.378; Cambridge (Harvard University) 2.637.104; Gravenhaye (Paizes Baixos) 2.717.431; Berlin (Preussische Staatsbibliothek) 2.041.128; Munich (Bayerische bibliothek) 1.946.257.

Para
todos...

RUA DO OUVIDOR, 181, 1º ANDAR

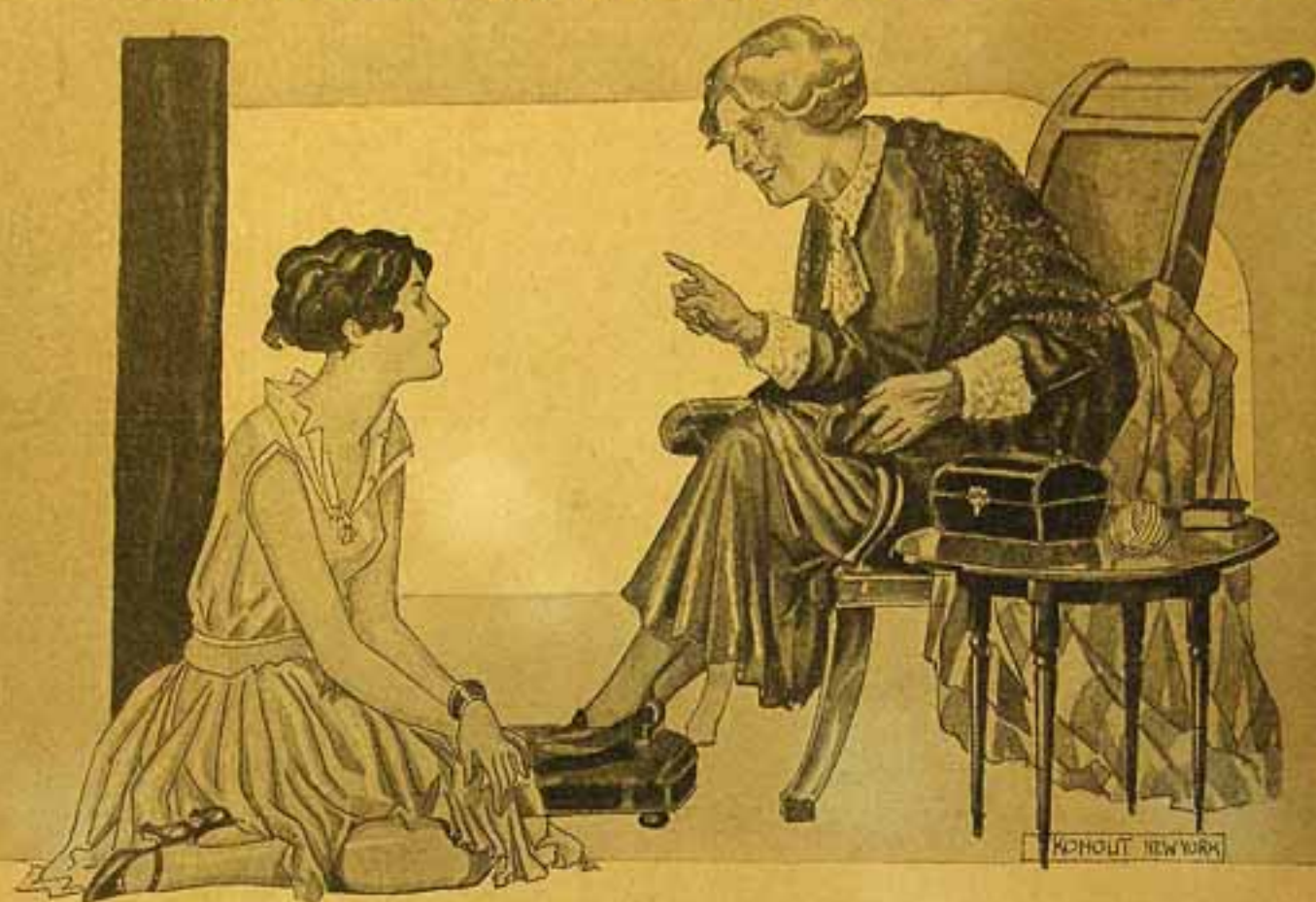
Propriedade e direcção
de

ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

Gerente:

MARIO ACHÉ CORDEIRO

A VOZ DA EXPERIENCIA



Ninguém pôde saber tudo, minha filha. A experiencia e sem duvida a melhor mestra do mundo, mas não ha necessidade de apprenderes tôdas as lições da vida por experiencia propria. Apprende, assim, com a minha experiencia, que debes tomar com confiança

A Saude da Mulher

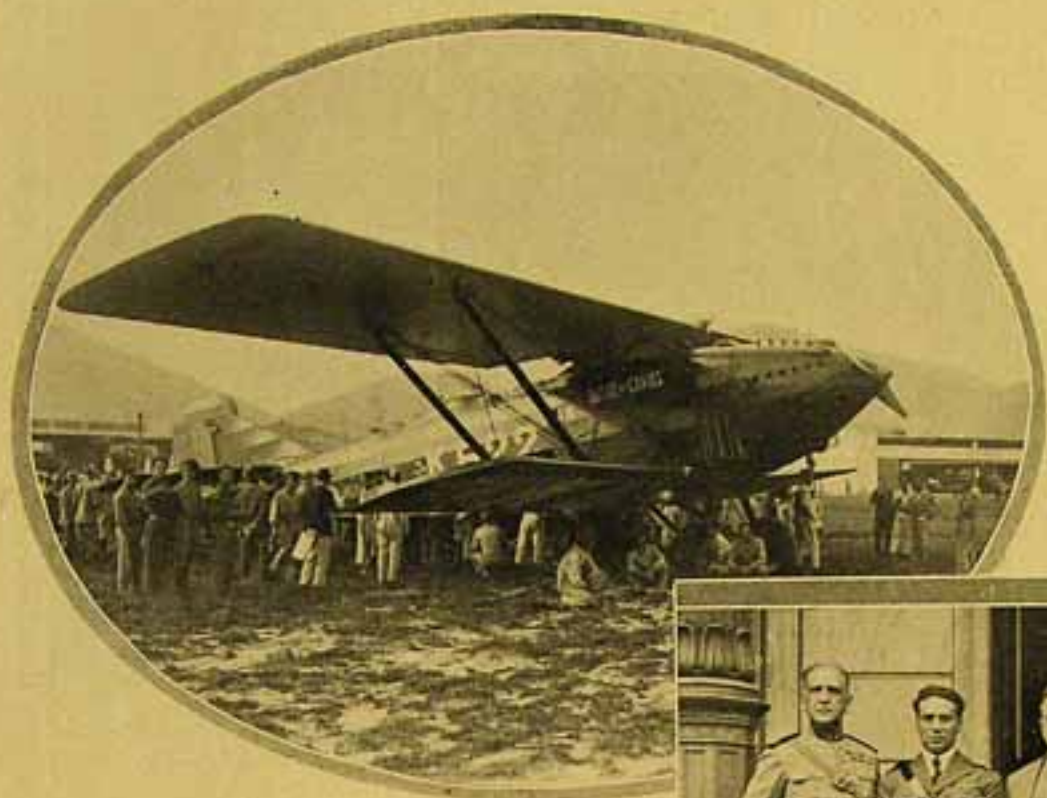
o melhor remedio para Incommodos de Senhoras

porque como nenhum outro, regularisa, acalma e estimula as funções uterinas.

As Mocinhas, as Senhoras, mesmo as Senhoras de mais idade (de 40 a 50 annos) têm n' "A Saude da Mulher" um medicamento poderoso e seguro para combater as Flores-Brancas, as Suspensões, as Colicas Uterinas, as Regras Demasiadas e as demais doenças do Utero e dos Ovarios.

Confraternização

Americana



A PARTIDA do avião "Duque de Caxias", do Exército Brasileiro, que levantou vôo no dia 11, do Campo dos Afonsos, num "raid" por toda a America Latina, levou até lá altas autoridades, diplomatas e grande multidão. O Ministro da Guerra disse em rapidas e bellas palavras a significação do feito que iam iniciar os aviadores nossos patricios.



Em cima: o "Duque de Caxias", prompto para subir.

No meio: o Presidente Getulio Vargas com o Ministro Leite de Castro e os tres aviadores: Capitão Archimedes Cordeiro e Tenentes Godofredo Vidal e Assis Corrêa de Mello.

Em baixo: um minuto antes da partida.





No salão da Associação de Imprensa, em 10 deste mez, antes da sessão commemorativa do Dia do Jornalista.

Dia do Jornalista

N O almoço que o Rotary Club offereceu á Imprensa, o Senhor Rodrigo Octavio Filho, que o presidiu, falou assim:

— Sr. presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Meus senhores. O Rotary Club do Rio de Janeiro, procurando reunir em torno de sua mesa as figuras mais representativas da imprensa diaria desta capital, quiz prestar uma merecida homenagem a todos aquelles que, com a intelligencia e com a penna, procuram orientar a evolução politica, social e intellectual do paiz, mostrando as largas estradas por onde poderá seguir, norteados sempre pelas lições de um passado de incontestavel liberalismo. Justas foram as commemorações hontem realizadas. E justo é o orgulho daquelles que, alvo de homenagens, representam as tradições de uma imprensa, cuja historia se acha irmanada, por laços indestructiveis, á propria historia da nacionalidade. Realmente, se attentarmos com a influencia e com a importancia da acção jornalística brasileira, a contar de alguns annos antes da proclamação da independencia até os dias que correm, não é possível deixar de reconhecer ter sido ella o factor primordial da solução mais rapida dos problemas sociaes e politicos, que marcam as etapas historicas do Brasil independente. O dia da imprensa procura lembrar o apparecimento do primeiro jornal brasilei-

ro. — A Gazeta do Rio de Janeiro — cujo primeiro numero circulou nesta cidade no dia 10 de setembro de 1808, vivendo até o anno de 1822. Foi seu redactor frei Tiburcio José da Rocha, jornalista sem grande imaginação, e que deu ao seu jornal feitiço por tal forma monotono, que levou o historiadador inglex Armitage, que com tanto carinho se occupou de nossa historia, a dizer que se se fosse julgar o Brasil pelo seu unico periodico, devia elle ser considerado como um verdadeiro paraíso terrestre. Realmente, o caracter officioso da Gazeta justificava bem taes conceitos, os quaes não mais sairiam da penna do velho historiadador, se, resuscitado, presenciasse a vivacidade e nervosidade da nossa imprensa de hoje. O que é justo, porém, lembrar sempre, é a acção decisiva da imprensa em todas as phases graves de nossa vida de povo que procura acceleradamente acompanhar os passos agigantados do progresso humano. Quem poderá negar o papel dos nossos primeiros homens de imprensa, no ralar incerto de nossa vida de povo livre? Foi, sem duvida, a sua acção destemerosa e patriótica que preparou o espirito publico e apressou os factos historicos de 1822. E quando depois da abdicação de D. Pedro I, a crise politica por pouco derrocava as instituições e desmembrava o Brasil, foi ainda a imprensa, quem, pela voz de seus grandes trabalhadores, orientou a opi-

nião publica, permittindo que o tempo viesse tudo accomodar, tornando o Brasil imperial, unido, forte e respeitado. E o que accelerou a abolição da escravatura — que era a vergonha do Brasil — e a proclamação da Republica — necessidade imperiosa e fatal para que o Brasil continuasse sua marcha ascensional, segundo o rythmo dos seus ideaes politicos — senão a acção violenta e persistente, tenaz e intelligente daquelles que diariamente, pela imprensa, empregavam todo o seu esforço, todo o seu sentimento e todo o seu coração na propaganda e na defesa dos mais caros ideaes da nacionalidade? Não é este o momento de se fazer o historico da imprensa do Brasil. Lembrar, porém, no pouco tempo de que dispomos, algumas das passagens mais accentuadas dessa historia, é cousa que apraz ao nosso sentimento brasileiro. Foi por decreto de 13 de maio de 1808,



Um aspecto do almoço que o Rotary Club ofereceu aos homens de imprensa, festejando o Dia do Jornalista.

Dez de Setembro

que o bom rei D. João VI, havia pouco chegado ao Brasil com sua corte, criou a *Impressão Regia*, com os prelos e tipos que trouxera de Portugal. E foi da *Impressão Regia*, que em 1821 passou a chamar-se *Typographia Real*, que sahio a *Gazeta do Rio de Janeiro* e, posteriormente, *O Jornal dos Annuncios*, *O Amigo do Rei* e da *Nação*, *O Conciliador do Reino Unido*, *O Despertar do Brasil*, *A Sabbatina Familiar dos Amigos do Bem Commun* e o *Diário do Rio de Janeiro* (1821), jornal que viveu até 1878, e no qual collaboraram fartamente grandes nomes do jornalismo e da literatura nacionaes, como José de Alencar, Machado de Assis, Quintino Bocayuva e muitos outros. Seria longo enumerar o grande numero de jornaes que appareceram nos primeiros annos que se seguiram á nossa independencia, não podendo porém ser esquecido, o apparecimento em 1826 do *Especta-*

dor Brasileiro, editado por Emile Blanchet, transformado em 1º de outubro de 1827 no actual *Jornal do Commercio*, que honra com sua existencia de mais de seculo as tradições da boa imprensa brasileira. A acção politica do *Reverbero* e a opposição feita pelo *Tamoyo e Sentinella* ao poder pessoal de D. Pedro I. foram incontestavelmente os elementos preponderantes para a dissolução da *Assembléa Constitucional* e consequente prisão e exilio dos grandes Andradas. Mas a figura que deve ser evocada como a do paradigma do jornalista perfeito é a de Evaristo da Veiga, que, como redactor da *Aurora Fluminense*, levou, pela argumentação intelligente em que era inegualavel, a opinião publica a exigir a abdicção do primeiro imperador. A *Aurora Fluminense*, sob a direcção de Evaristo da Veiga, patriota que foi um dos mais efficazes paladinos de nossa independencia, representou papel preponderante em todos os grandes acontecimentos politicos do primeiro imperio e da regencia.

A energia foi sempre a acção da imprensa no Brasil, a qual chegou ao apogeu na campanha da abolição, que immortalizou os nomes de Ferreira de Menezes e José do Patrocínio, cujas pennas formidaveis estiveram sempre no serviço da grande causa. E durante os ultimos annos do Imperio, a ac-

ção jornalística de Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa e outros, foi a alavanca que derrubou a monarchia e preparou o advento republicano. Por todos esses motivos, meus senhores, como hontem ainda lembrava um dos jornaes desta cidade, em magistral esboço historico sobre a evolução do jornalismo nacional, a passagem do *Dia da Imprensa* "justificaria um longo e minucioso inquerito á poderosa, decisiva actuação do jornalismo nas directrizes fundamentais e na projecção historica da sociedade brasileira" (*Correio da Manhã*, de 10 de setembro de 1931). Senhores jornalistas. Em nome do Rotary Club do Rio de Janeiro e interpretando não apenas os nossos sentimentos, mas certamente o modo de pensar do Brasil inteiro, faço votos para que da união patriótica da grande familia dos homens de imprensa, surja, quanto antes, para a tranquillidade e felicidade de nossa querida terra, com o tradicional vigor que acabo de reviver, a grande campanha que o grave momento nacional está a exigir de vós: a campanha pela educação e instrucção do povo brasileiro. Só a vossa força persistente poderá conseguir o milagre. O analfabetismo é a molestia que nos está definhando. E' preciso combatel-o. E combatendo e propagando a educação do povo, a imprensa brasileira continuará mantendo a grande altura as suas gloriosas tradições de patriotismo.



No Curso Nícia Silva

Photographia tomada durante um ensaio do espectáculo que se realizará em Outubro, no Theatro Municipal. Nícia Silva ao centro. Na extremidade esquerda, Gilda Abreu. E com ellas: Lais Wallace, Iracema Barbosa, Stella de Sá Rocha, Neyde P. Guedes, Ondina Villas Boas, Ayrde U. Costa, Maria Antonia Cortez, Lucia Pires, Maria Lydia B. Silva, Sylvia Souza, Zelia Souza, Anna Guertzenstein, Maria Amelia Pedrosa, Odette Peixoto, Iris Rosa, Judith P. Gonçalves, Maria Clara Jacome, Yolanda França, Vera Teixeira, Anita Rivas, Venilia Veiga, Marguerite Paul.



Hora de Arte

Na exposição de pintura de Olga Mary e Raul Pedrosa, Palace Hotel.

D E
ALVARO
MOREIRA

DESENHO
D E
LULA

FOI de repente, na noite de São Bartholomeu, olhando para a folhinha da fazenda, que o homem decidiu casar-se. De repente. Como um ataque, um insulto cerebral, qualquer outro insulto. Decidiu, tomou o trem, veio até a cidade. Não tinha noiva em vista. Pôs a esperança no acaso. O amor é igual ao Brasil: ninguém o descobre de propósito.

Chegou. Sete dias depois conhecia tudo, ruas, praias, morros. Estava já meio desanimado.

Uma tarde, saiu do Hotel, na rua Larga, desceu, entrou na Avenida, - a miminou. Passeio Público, Mem de Sá, Gomes Freire, Visconde do Rio Branco, Praça Tiradentes:

Este Rio é grande! Olha o tal teatro João Caetano! Rua do Theatro, Largo de São Francisco, Ouvidor:

- Quanta gente!

Dobrou a esquina de Uruguayana, cansado:

Faz favor de dizer onde é a rua Larga?

Sempre em frente no fim.

Obrigado.

Ainda deu uma voltinha em General Camara, por causa



PRODUCCAO 1931

NÃO
TEM
MAIS

de uma carroça. E viu numa porta um letreiro:

AGENCIA
DE
INFORMAÇÕES
2.º andar

- Homem! disto é que eu preciso!

Subiu. Bateu na porta da agência.

- Entre.

Entrou:

- O agente está?

- Sou eu mesmo.

- E' para um casamento.

- Sente-se. Em que lhe posso ser útil?

- Não vê que eu ando com vontade de me casar.

- Pois não.

Mas, eu queria me casar com uma mulher que não se pinte, não use vestidos apertados, não bote na cabeça esses chapéozinhos de circo, uma mulher que não faça regimen para emmagrecer. Uma mulher que não goste nem de banho de mar nem de baratinha nem tome chá dansante nem julgue que sempre tem razão. Uma mulher que não discuta, simples, bem natural, que vá para fora commigo, viver a vida do campo.

O senhor sabe de alguma?

O agente coçou o queixo, muito, muito, pensou, pensou, respondeu:

-- E' ... agora não é tempo.



Detidos junto à praia, os que-
zuzas foram pouco a pouco en-
tristecendo. Nenhum duvidava de
que o Sol os salvaria, porém a pa-
ciência ia-se tornando melancóli-
cos, e elles não viam chegar os
emissarios do Sol. Os dias passa-
vam-n'os explorando as dunas,
buscando alguma porta no mar,
escutando o que diziam as ondas,
poém nada chegava a tiral-os da
sua inquietação. Ao tombar o cre-
pusculo, iam todas à praia, avan-
çando tanto que as ondas lhes mo-
lhavam os pés, a ver se na doura-
da estrella vespertina apparecia al-
gum signal da bondade solar. Mas
o Sol afundava-se nas aguas, dei-
xando o povo abandonado, espe-
rando novamente.

Decorreram tres dias. Economi-
sando as razões, e mandando os
guerreiros à caça, puderam man-
ter-se dois dias mais. No terceiro,
foi necessario comer as aves secas
que pretendiam pulverizar para
perfumar os sacrificios e as rou-
pas do Curaca, dos nobres e sacer-
dotes. Sumaj ponde apanhar na-
quelle dia um peixe vivo, levando-
o a Inquill, fresco e vivo, com o
lombo prateado e os olhos redon-
dos. Inquill, apesar da sua tristeza e extenuação, bateu
palmas de alegria, pois nunca vira um animal tão bello.

Depois a fome ameaçou o povo. Na derradeira tar-
de, a definitiva, a invocação ao Sol fez-se em pranto. Da-
quella multidão crente que occupava na praia uma ex-
tensão enorme dourada pelo Sol moribundo, sahio um
choro unico, sincero e commovedor.

— Pae! Pae! Pae!... Não abandones o teu po-
vo!... Pae, diz-nos o caminho do teu reino maravi-
lhoso!

Nada, porém, respondia aquelle grido de dor e des-
esperança, e, á medida que o Sol fugia, o pranto crescia,
dominando o rugir do mar. Houve um momento, quan-
do o Sol beijou a linha do horizonte, em que elles espe-
raram vel-o sair e falar-lhes com a mesma bondade ge-
nerosa com que se dirigira a Manco Cápac, e suspende-
ram as lamentações. Breve e indifferente, todavia, o dis-
co enorme de ouro se engolfou no mar. Então arrojaram-
se ao solo, e soluçaram inconsolaveis. Chamavam-se uns
aos outros. As crianças, abraçadas aos paes, choravam
com um extremo gesto estarrecido, e, por largo tempo,
só se ouviram naquella praia desolada soluços e lamen-
tos entrecortados.

Ao cair a noite, reuniram-se o Curaca e quatro no-
bres, os camayocs, os sacerdotes e os antigos.

A lua era esplendida e tinha uma tonalidade azul
transparente.

Subiram todos á duna que dominava o valle e ali
disseram largo espaço. Uma opinavam que se devia
esperar ainda e ter fé no Sol. Os alimentos podiam pro-
cural-os no proprio valle, caçando nos primeiros dias, se-
meando e alimentando-se depois com esses peixes que
saltavam entre as vagas, prateados. Outros pensavam
que era melhor precipitarem-se no mar, pois, quando o
Sol os visse em perigo, os salvaria.

Lembraram então os seus longínquos lares, seus ro-
çados fecundos e florescidos, a paz da aldeia remota. Co-
mo seria melhor terem ficado lá e recebido logo a morte
da mão dos estrangeiros das barbas de neve! Depois de
um momento de silencio, surgiu uma voz, sob a paz da
lua. Era um ancião de olhos inchados, nobre famoso, que
determinava a hora e o lugar das festas de Cápac Haymy,
quando se aprisionava o Sol para receber a homenagem
do povo. E disse:

— O Sol nos abandonou. Elle é todo poderoso e po-
dia salvar-nos. Quem sabe se elle foi vencido em algum
combate por outro deus que dizem poder mais do que
elle?... Deste Sol não devemos esperar mais nada. Elle
permittiu que os estrangeiros entrassem no Cusco e des-
troçassem a sua imagem e a dos Imperadores, carregan-
do as portas e os vasos de ouro, as mascapachas e as plu-
mas sagradas do Coraqueque. Deixou que o bastar-
do assassinasse o filho de Huayna Cápac, e que por sua
vez o demonio estrangeiro matasse Atahualpa. Elle não
se occupa mais connosco, e é melhor morrer para ir bus-
car os Imperadores. Esses nos escutarão, e não nos aban-
donarão jamais. Lá encontraremos os quatro irmãos
Ayar, os fundadores do Imperio, e os Imperadores seus
filhos.

Sabias pareceram a todos as palavras do nobre, e
exclamaram:

— Vamos em busca dos Imperadores!... Vamos!...
Toda aquella gente teve então um gesto sombrio.
Baixaram os homens validos á praia, e com as armas fi-
zeram grandes covas na areia humida. Cavavam com fe-
bre alar, enquanto os velhos iam dar ordens no acam-
pamento dos peregrinos. Muito cedo, estava quasi todo
o trabalho concluido. Faltavam apenas algumas covas.

das, e pouco a pouco os jovens e as mulheres também,
para se erguerem na manhã seguinte cheios de novas es-
peranças.

O Paiz do Sol, onde iam morar e ser recebidos, era
uma terra immensa, e os homens viviam felizes,
conversando diariamente com os Incas, tendo trajes
maravilhosos, chichas desconhecidas e exquisitos man-
jares. Lá os fructos eram grandes e perfumados, e as
mulheres mais bellas do que as recolhidas ao Cusco. Mu-
sicas divinas invadiam os ares. Passaros de multico-
r bella desferiam cantos estranhos e ternos, todas as ca-
sas eram de ouro e pedrarias fantasticas, os leitos fofos e
macios, havendo servidores diligentes e amaveis para to-
dos. Nada faltava aos mais exigentes desejos. E tudo
estava illuminado com uma luz radiante, branca como o
algodão e transparente como a neve que se congela nas
lagunas. A luz penetrava tudo, o corpo e a alma, os ob-
jectos e as flores, a vida, os sonhos, o amor e os desejos.
Era o reino da luz, do ouro, da paz, da felicidade.

Chegaram por fim a uma collina, onde o calor come-
çou a substituir o frio das punas. Aquillo pareceu-lhes de
bom augurio, porque se o clima era mais calido devia ser
ali o começo dos dominios do Sol. Assim, animosos e fer-
ventes, caminhavam largas jornadas, a despeito do ca-
lor, descendo para as planicies.

Nas poucas aldeias que encontravam, os trajes eram
diversos, as unhas quasi transparentes. E todas as tar-
des, ao crepusculo, entoavam a mesma oração e a mesma
supplica:

— Oh! Sol! Oh! pae de nossos paes e senhores,
não abandones o teu povo, e protege-nos contra a furia
de Supay!...

Uma manhã, pela alvorada, pareceu-lhes sentir uma
brisa deliciosa, e um estranho rumor apariguado e doce.
Não era um mugido de pumas, nem de multidões: era
algo confuso e inintelligivel, porém suave e lento. O
ruído vinha do lado do Sol e da brisa. Alguns jovens tre-
pam a uma encosta, e ao chegar á cúspide um só grido
de espanto ressoou:

— Um lago! Um lago! Um lago!

Todo o povo subiu e se poz a contemplar, em meio a
um surdo rumor de admiração e entusiasmo, alguma
coisa que não imaginara jamais. Uma lagoa enorme, uma
lagoa sem margens, suavemente azul, distinguia-se ao
longe. Era sem duvida alguma a da casa do Sol. A famo-
sa laguna de que falara o Curaca, e para onde se encami-
nhava para se deitar todas as tardes o Sol.

Naquella manhã fez-se o sacrificio de seis lhamas,
bebendo-se chicha em louvor do Inti. E a caravana se-
guiu a sua peregrinação interminavel para o valle fecun-
do que se estendia aos seus pés, deshabitado e bravo.
Penetrando sob as arvores copadas e verdes, repousaram
alguns dias, até que chegaram ás margens ansiadas.

O entusiasmo do povo desapareceu subitamente.
Como iriam atravessar aquelle rio immenso, para chegar
onde estava o Sol? Na vespera, estavam seguros de tel-o
visto occultar-se entre as aguas: era, pois, certo que, che-
gando ao sitio em que o viam afundar, entrariam no seu
reino. Como, porém, atravessar essa laguna verde, rugi-
dora, immensa e desconforme?

Combinaram esperar, convictos de que o Sol não os
abandonaria. De um momento a outro criam ver surgir
pelo horizonte alguma balsa tripulada pelos filhos do
Sol, a vir buscá-los para o desejado paiz. Assim espera-
ram uns dias, fazendo todas as tardes sacrificios á divi-
dade. Numa dellas, o guardião dos viveres avisou ao
Curaca que as provisões não durariam mais de tres dias,
sendo bom dizel-o ao Sol, para acudir presto ao seu povo.



(Continuação)

HYMNO terminava com as ultimas cla-
ridades solares, e a multidão esperava
que no dia seguinte o Sol lhe abriria as
portas da cidade encantada. Porém,
ao outro dia, marchavam de novo, febris,
disparados, como possessos. Muitos não queriam deter-
se para tomar alimento, e apenas mastigavam no cami-
nho folhas de coca. Outros, impacientes, chegavam-se ao
Curaca e perguntavam, procurando não traduzir o mi-
nor desalento:

— Taytay, chegaremos logo á mansão do Sol? Elle
nos abrirá as portas da sua cidade? Elle nos defenderá
contra os brancos?

E o Curaca respondia:
— O Sol nunca abandona ao seu povo. Algum pec-
cado se commettera no reino, para elle permittir e mandar
esses animaes brancos e funestos, em castigo. Ah! Atahualpa! Bastardo e estrangeiro!

Outras vezes, para distrahir os e dar-lhes animo, de-
pois de orar, reuniam-se, formando grandes circulos de
tendas improvisadas para passar a noite, rodeados pelos
rebanhos, e o Curaca ou um velho nobre contava como
eram os dominios do Sol. Elles ouviam encantados, e ao
calor desses relatos as crianças quedavam adormeci-

mas ao meio dia, sob um sol iracundo, tudo terminou. Uns deviam cavar o tumulo para a mãe; outros, para a noiva; outros, para os pais decrepitos, que haviam resistido ás fadigas do exodo. Naquelle dia, ninguém disse uma palavra. Todos pensavam na ultima viagem sem temor, porém com profunda tristeza, entregando-se a solitarias meditações.

Chegou a hora do crepusculo, e o povo dispoz-se a morrer. Com muito esforço, conseguiu-se bebida sufficiente para adormecer as mulheres e as crianças.

O Curaca e um grupo de nobres, ajudados por seis jovens musculosos, se encarregaram de cobrir de terra, de um, em um, de dois, em dois ou como quizessem emprehender a viagem, os que se amavam; e, mal o céu começou a tingir-se de vermelho, iniciaram o hymno ao Sol e a sua ultima oração. Os indios se dispuseram com todas as riquezas e trajes, adornaram-se com os ornatos melhores e desceram aos fossos escalonados. Ali sentavam-se, depois de sorver o licor para não sentirem a asphyxia da viagem, e, pouco a pouco, iam ficando entorpecidos, numa somnolencia que os anestesiava. A terra cahia piedosamente sobre os corpos immoveis e implorantes, e em pouco o solo retomava o nivel antigo. A tarefa durou toda a tarde. Alguns, antes de baixar á sepultura, abraçavam-se e despediam-se chorando, até que a areia lhes cobria os corpos inertes.

Por fim, apenas restaram os coveiros. Inquill não quisera enterrar-se e esperava o amado, para fazê-lo. Os jovens robustos foram-se enterrando uns aos outros. Quando o rapaz deu a ultima pá de terra sobre o ultimo quechua, voltou os olhos para Inquill.

Por fim apenas ficaram os dois, sobre a larga extensão coberta. Sentados sobre o montículo junto á cova aberta para a moça, dali olharam longamente o mar illimitado e verde, cujo ruido tinha caricias tragicas e roucas. Inquill, sem olhar a Sumaj, tornou-lhe as mãos e chorou sobre ellas:

— Pezando trabalho, privilegiado e triste, o dos meus musculos, que me obriga a ser o ultimo em ir aos dominios do Sol... De um em um, enterrei a todos os homens e a todas as mulheres. Já não somos senão os ultimos...

— Agora eu...
— disse suavemente Inquill, sem se mover. — Enterra-me.

O indio não respondeu. Que podia responder?... Elle não podia reter a sua amada, porque era um sacrificio alongar a sua dor. Ella devia reunir-se ao Sol, como o povo que a precedia, nos aureos palacios luminosos.

— Eu te pediria, que me acompanhasses na terra ainda um momento, Inquill — disse, tremula, a voz desolada do indio. — Para te reunires ao Sol, pouco tempo falta, e ainda que ali nos encontremos, não preferias esperar aqui na terra, onde nos temos amado?... Não te dóe separar-te desta terra, em que desististe tão breve o nosso amor?... Sem dúvida, os palacios do Sol são mais bellos e maravilhosos do que a terra, porém não sei por que sinto uma tristeza mortal ao deixá-la.

E os seus olhos contemplavam humidos o vallezinho profundo e distante, cuja verdura dava uma nota de alegria áquelle campo de morte e de dor. Abaixo, no concavo fecundo, via-se serpentear como boa prateada o riacho brilhante, entre as moitas, não se ouvindo, porém, um canto de ave. Ali não havia senão duas almas e dois corpos, e nada mais do que elles accusava a vida, sobre a terra. Abraçados, caminharam uns passos por sobre a duna, por sobre aquella humanida-

de sepulta, ainda quente sob a tarde transparente e vaporosa. Porém, quando o Sol começou a declinar sobre o mar, Inquill olhou aos seus pés a sepultura aberta.

— Vamos — disse sem mirar o noivo.

— Vamos — repetiu como um eco Sumaj.

Então tirou da cintura um cantaro de terra cozida com as ephigias dos deuses patrios, dando de beber a Inquill persistia, e elle julgava perceber a sua voz sahindo creaturas e tornava doce a morte, e que elle conservara como a joia mais preciosa. A moça tomou a amarga bebida e desceu os degraus do sepulchro com solemnidade. Sumaj poz-lhe ao lado os aprestos da viagem. Sandalias finissimas, os vasos de chicha guardados especialmente por elle, as vestes para abrigarem o seu corpo, o tributo para o Sol, dentro da mão.

— Já me vou, Sumaj, já me vou... — disse debilmente. — Beija-me...

De pé, os dois, as boccas de ambos se encontraram, num beijo longo, lento, mudo, solenne, até que a cabeça da joven se desprende dos seus labios como um fructo maduro, e o seu corpo perdeu a força.

Quando Sumaj deu a ultima pá de terra sobre o corpo de Inquill, teve uma estranha sensação. Já não podia falar. Ninguém o escutaria. Então sentiu um impulso de enterrar-se a si mesmo. Como, porém, o conseguiria? Deitou-se sobre a tumba de Inquill, sua adorada, e chorou longamente. O Sol começava a cair. Acometido de uma sensação que jamais experimentara. Pela primeira vez teve medo. Parecia-lhe que dos tumulos cerrados saham palavras e gemidos misturados ao rumor das ondas. Elle era o unico sobrevivente daquelle povo abandonado pela generosidade divina. Quiz abrir a sepultura

onde encerrara a noiva, para se unir a ella, porém o temor de interromper-lhe o somno o deteve.

Nisso, olhou longamente o Sol.

Viu como, indifferente e rubro, elle se acercava

aguas, e como as sombras iam invadindo a montanha. Uma dor, uma inquietação immensa e subita apossava-se d'elle. As coisas se lhe apresentavam transparentes, e não sentia o peso do corpo.

Recordou-se de que havia dois dias não tomava nem coca. Um torpor o invadia.

Por-se de pé. Bandos de passaros brancos cruzavam o céu, para regiões que elle não podia imaginar e as idéas como as sombras começaram a confundir-se.

Uma lembrança tenaz, e saudade da sua amada Inquill persistia, e elle julgava perceber a sua voz sahindo da terra, e chamal-o.

O Sol occultou-se. Occorreu-lhe então a perfeição do seu abandono. O temor de viver sobre aquelles mortos feria-o fundamento.

Rompou a chorar de novo, como uma criança, e mandando o Sol. Insensivelmente, lançou-se sobre o sepulchro de Inquill, e cavava a terra, invocando em gritos a noiva. Porém ella agora não respondia. Seus pensamentos baralhavam-se.

Pareceu-lhe ver que do fundo do mar surgia uma luz e se apagava. Enormes sombras fantasticas desfilavam deante d'elle, mas ondas rugidoras. E elle se pôs de pé, approximando-se inconsciente da praia. Já não dava mais conta das coisas.

Inarticuladamente, começou a chorar e a proclamar lamentos, chamando o Sol, até perder toda idéa consciente. Avançou entre as ondas, com passo torvo. Derrubando as vagas, lutando frouxamente contra ellas.

Envolveram-no outras, e em breve apenas se ouviram palavras entrecortadas, que o retumbo das vagas afogava, enquanto se sumia no mar o corpo do ultimo quechua.

A lua pompeante ou azul sobre o povo sepulto, e a ave branca cruzou em direcção do horizonte vago, sobre a luminosa estrella, no ar tranqüillo.



Vamos para o AMOR

P E Ç A
E M
7 QUADROS
D IBRAHIM E GERSON

(Continuação)

Lisette

(Impressionada) Meu Deus! O que é que eu fiz? Não lhe fiz nada de mal...

A mulher

Queres que lhe fale?...

Lisette

Não. Falar-lhe-ei eu mesma... (Estendendo a mão ao coronel) Até já, meu amigo. Preciso respirar um pouco de ar puro...

Coronel

Irei acompanhá-la, Lisette. Esse bruto pode...

Lisette

(Interrompendo-o) Não. Fique. Ele não fará nada. Vou com a minha amiga, e dentro de meia hora estarei no hotel...

O homem

Viva o amor!

Coronel

(Que vai saindo de muito mau humor) Viva!...

O homem

Quanto custa amar de graça! Mas também o homem que ama de graça a mulher paga por outro homem, vale por uma porção de homens...

SCENA XXXI

O HOMEM, O MALANDRO e MOACYR

Malandro

(Espiondo e depois falando para traz) Pôde entrar... Elles já foram...

Moacyr

(Que está evidentemente comovido) Foi uma loucura, Argentino!

Malandro

Bem se vê pelo seu sentimentalismo que o Sr. ainda é um estrepante na arte do amor...

Moacyr

E agora? Que é que eu faço?

Malandro

Espere pelas consequências...

Moacyr

E se acontecer uma tragédia?

Malandro

Acontecerá...

Moacyr

Mas o golpe também não poderá sair errado?

Malandro

Pode sair até erradíssimo... Posso beber qualquer coisa no "cabaret"?

Moacyr

A' vontade...

Malandro

(Sentando-se) Sente-se...

Moacyr

Eu também vou beber...

Malandro

E' bom...

Moacyr

Se a cocaína não fosse tão vulgar, eu juro que tomaria agora cocaína...

Malandro

Que amor! (Em voz alta) Garçon! Whisky para dois!

SCENA XXXII

Os mesmos e UMA HESPAÑHOLA

Hespanhola

(Passa por junto a Moacyr felineamente, como procurando atraí-lo) Que calor, não acha?

Moacyr

Um pouco...

Hespanhola

Um passeio de automovel, seria o succo, hein?...

Moacyr

Não ha duvida, mas hoje não posso...

Hespanhola

Vamos?...

Moacyr

Não, hoje não.

Malandro

O rapaz está doente. Está de cabeça inchada...

Hespanhola

Somos dois, "mon amour". Eu também estou soffrendo...

Moacyr

Não percas o teu tempo. Vae á tua vida... Eu sou um homem perdido.

Hespanhola

E eu que sou? Uma mulher perdida... Faremos um lindo casal...

Malandro

E é que ella é bem bonita, o diabo.

Hespanhola

Infelizmente para mim. As mulheres bonitas são sempre mais infelizes que as feias. (A Moacyr) Não gostas das louras, talvez? E eu hoje seria capaz de amar-te como nunca ninguém te soube amar...

Moacyr

E's uma sereia...

Hespanhola

Talvez...

Moacyr

Um demonio tentador...

Hespanhola

Tambem... Ou ainda um anjo que o céu te envia para minorar o teu soffrimento...

Malandro

Um anjo da meia noite...

Hespanhola

A providencia não dorme... nem tem horas.

Moacyr

E por que te deu essa mania de me conquistar?

Hespanhola

A afinidade do soffrimento. A nossa dor é a mesma. Tu és um soffredor como eu...

Moacyr

Não percas tempo commigo. Sou um prompto.

Hespanhola

Não te pedi nada, senão a tua camaradagem e a tua companhia para nos curarmos mutuamente. E se não tens dinheiro, tenho eu para nós dois... (Muito meiga) amo?

Moacyr

Cómo te chamas?

Hespanhola

Dolorosa, mas nesta vida uso um nome de guerra: — Lisette...

Moacyr

Inferno!...

Hespanhola

Não gostas desse nome?... Chama-me pelo outro, pelo verdadeiro. Será uma forma de me fazeres só tua. Lisette será o de todo o mundo, e Dolorosa será tua só, queres?

Moacyr

Lisette!

Hespanhola

Dizes de um modo esse nome!...

Malandro

Você tocou-lhe na ferida aberta.

Hespanhola

Ah! Chama-se Lisette a outra? (Rindo) Tem graça, tem muita graça, tem muita graça! Pois dentada de cão cura-se com o pelo do proprio cão. Quem me dêra encontrar esta noite um homem que se chamasse

Malandro

(Interrompendo-a) Moacyr?...

Hespanhola

Quem lho disse?

Malandro

(Rindo muito) Ninguém. Adivinhei...

(Continua no proximo numero)





Os novos bachareis da nossa Universidade



Em cima: no chá dansante que realizaram no Beira-Mar Casino. Em baixo: depois da missa na Candelária.

I n g l a t e r r a - B r a s i l

No Palacio Itamaraty os Srs. Afranio de Mello Franco, Ministro do Exterior, e Keeling, Encarregado de Negocios da Inglaterra, assignaram o accôrdo commercial entre a Grã-Bretanha e o Brasil.





Em cima:
no Atlantico Club

No meio:
no Grajahú Tennis
Club

Athlétas do Fluminense F. C. vencedores das provas deste anno

7

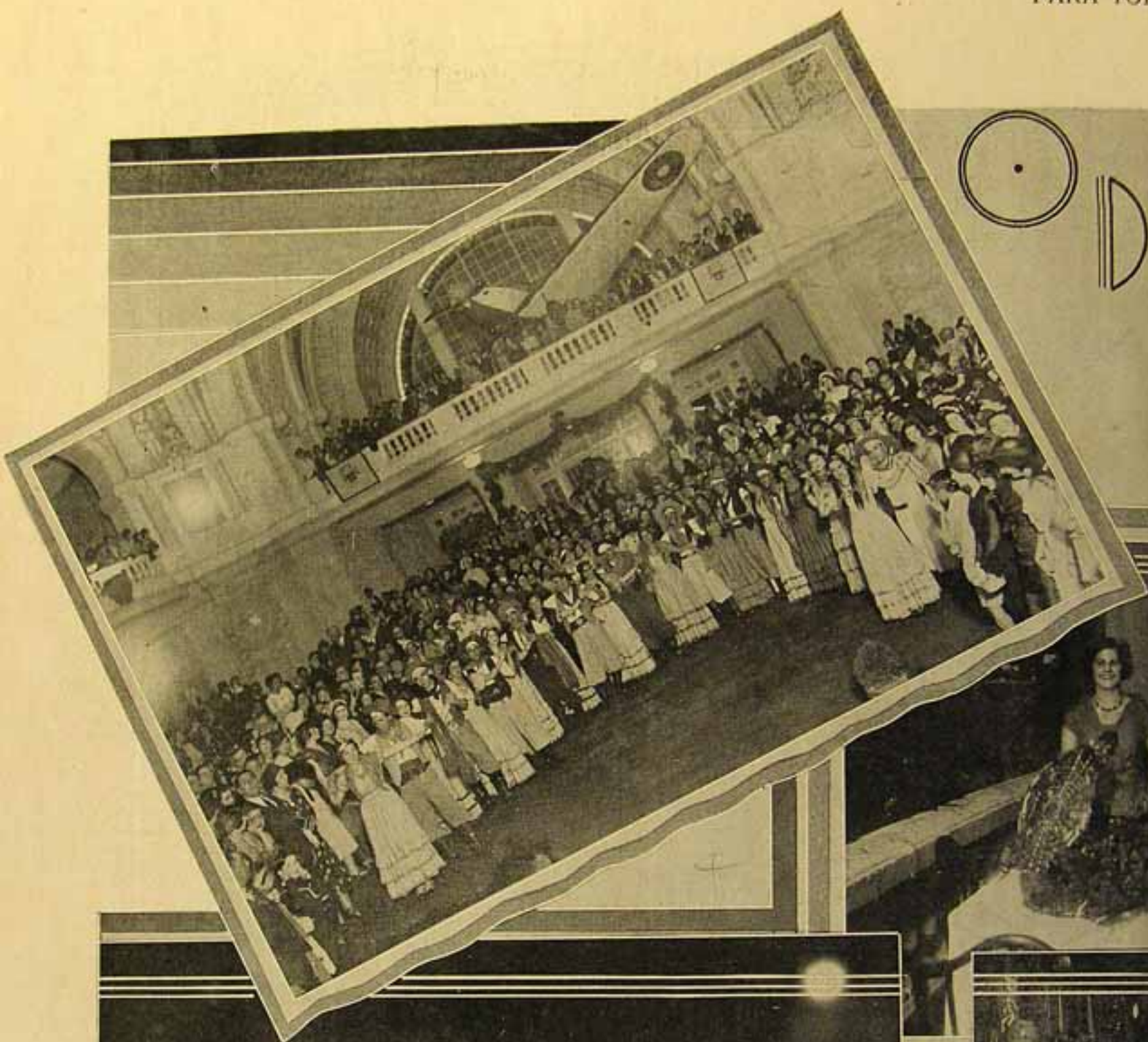


N O estádio de São Januário, domingo, quando foi o encontro dos Paulistas com os Cariocas numa sensacional partida de football.



PAULISTAS: Athié; Clodoaldo e Barthô; Rossi, Gogliardo e Alfredo; Luiz, Lara, Friedenreich, Feitico e Siriri. Vencidos.

CARIOCAS: Velloso; Domingos e Hildegardo; Hermogenes, Martin e Ivan; Walter, Leonidas, Leite, Moacyr e Theophilo. Vencedores.



O "Pericon". A mesa do Presidente Getúlio Vargas. Senhoritas que serviram as mesas. O churrasco e o chimarrão.

Aranha, Bartlett
sés Vellinho, Luiz
Figueiredo, Moy-
Junior, Adalberto
Aranha, Barbosa
Lima, Marques
Couto, Machado
da Costa, Luiz
Vergara, Aristides
Casado, Souza
Chartim, Ulysses
de Nonohy. Ser-
viram o chá as
senhoritas Guil-
layn, Célia Fló-
res, Aida Vascon-
cellos, Marina
Torres, Isolda Fo-
eringes, Gonda
Foeringes, Yára
Tavares, Iracema
Bernardi, Yeayey
Rodrigues, Dag-
mar Leuzinger,
Beatriz Reis Car-
valho, Sára Asco-
li, Maria Abreu,
Zilda Fischer, Si-
mone Lévy, Moni-
ca Hime, Maria
José Lynch, Ma-
rina Ascoli, He-
loysa Fiuzza, Isah
Isnard, Graziela
Mendonça, Hele-
na Mendonça,
Plácida Martins,
Rosely Vianna,
Marina Mascoso,
Branca Dolabella,
Yvonne Amaral,
Zaira Ciancio,
Carmen Tostes,
Alcinha Portella,
Alice Costa, F.
Francisca Ma-
ciel, Maria Ma-
lheiro Braga, Ma-
rietta de Souza,
Didi Cailliet, An-
dréa de Mello e
Dyonisio Cerquei-
ra. Um dos nu-
meros de grande
êxito foi o "Pe-
ricón" dançado
por estes pares:
Alzira Vargas e
Hermes Luzardo,
Celia Fabrício e
Enio de Oliveira,
Maria Correia e
Julo Bastian, Ma-
ria Casado e Nero
Moura, Maria
Crespo e Umbeli-
no Vargas, Cele-
ste Rocha e Paulo
Becker Pinto, Ma-
rieta Azeredo e
Alvaro Crespo de
Oliveira, Yára Ta-
vares e Luthero
Vargas, Déa Ma-
ciel e Camara Fa-
gundes, Jandyra
Vargas e Baptis-
ta Magalhães, Yo-
ne Ribeiro e Al-
varo Oliveira, Ja-
nyra Nonohay e
Laeste Gonçalves.



Rio Grande



Senhoras, senhoritas e senhores que dirigiram os serviços da Kermesse

Namorada

NÃO sei se foi de saudade, não sei, é tão incongruente a natureza humana, certo é que perdi papae, homem duro, calado e affeito ás violencias da vida, pouco menos de dois mezes após ter visto morrer minha mãe, de morte dolorosa e repentina, quando, ainda moça e extremamente bella, acabava de voltar duma temporada de verão numa estação de aguas.

Quando se tem quinze annos, e eu ainda nem os tinha, golpes desses, se são rudes, pouco duram. Pensei em morrer tambem — como isto está distante!... — plenejel mil maneiras de suicídios, absorvia-me pelas chronicas policiaes dos jornaes, onde appareciam, diariamente, os mais absurdos melos, como se ellas fossem um figurino indispensavel para a minha escolha perfeita. Fugia para logares solitarios, ruas desertas, ladeiras desconhecidas, onde, no meio do matto ralo, quaximba, herva de S. Caetano, tiririca, sahiam pedaços de alicerces, o que restava de antigas casas derrocadas e que me enchia dum vago medo mysterioso, temendo vêr brotar dali as almas dos remotos moradores, homens sinistros, rigidos e barbudos, mulheres que foram martyres, escaveiradas e tenebrosas nos seus vestidos pretos, escravos cobertos de sangue, sangue vivo, vermelho e servil, que escorreu nos troncos aos chicotes do feitor. Perdia-me nas sombras do Jardim Zoologico, bambuaes que gemiam quando o vento soprava. Plantava-me junto ao cercado sujo dos jacarés, ficava largo tempo vendo-os amontoados, numa immobildade de estatua, arquerosos, dormitando aos raios do sol, e sonhava mortes aventureiras nos sertões inhospitos da Africa, trituração nas mandibulas dum crocodillo, num pantanal de aguas venenosas.

Tia Bizuca, porém, que era minha madrinha e para casa de quem fui morar, com taes especiaes desvellos me tratou que fui abandonando, pouco a pouco, os meus tragicos projectos e cuidei só de viver, confesso, que a vida me parecia linda. Tinha quinze annos ahí. Tia Bizuca já passara dos quarenta, soffria da vista, levava uma vida sedentaria e era muito devota de N. S. do Carmo, que tinha rica imagem armada no melhor logar do oratorio, todo de vidro, no corredor.

Sendo viuva, sem filhos, e possuindo qualquer cousa de seu que lhe permitia viver em abundancia na casa propria da rua Barão do Bom Retiro (que ella chamava de chacara, pois o terreno era fundo e subia, cultivado, até o morro, onde havia um coqueiro) fazia absoluta questão de me trabalhar com apuro, guardando assim velhas convicções do tempo do commendado Ribeiro, meu avô, "que o pão se conhece pela casca".

Por seu eu esbelto e pallido, e como mantivesse um começo de buço, que não me ficava de todo mal, ao beijal-a para sahir — o que fazia invariavelmente, depois do jantar para voltas malandras, com o Oswaldo, pelos bilhares do bairro — obrigava-me a rodar na sua frente como um manequim giratorio, para receber a sua benção, especie de critica, sempre a mesma, maternal e boa: — estás um bijou.

Se para ella passava por um bijou, talvez fosse bem mais para a Dulce, que não era nem minha tia, nem minha madrinha, a magra e loura Dulce, que me punha olhos ternos da janella do 27.

Era um chalet baixo, o 27, com enfeites de madeira nos beirões e bolhas de vidro azul, caprichosamente es-

palhadas pela varanda, uma varanda tambem de madeira, quasi ao rez-do-chão, onde armavam rédes preguiçosas, para gozar a viração do morro, nos domingos em que o calor se mostrava mais forte e as cigarrias, sem parar, chiavam na mangueira de galhos protectores que assobervava a casa modesta, o gallinheiro escondido, o jardim de ruazinhas humidas e limosas, o repuxo, secco, de cimento e de conchinhas.

Embora da minha idade, Dulce sabia parecer mais velha, guardando um ar recatado de senhora, quasi um ar de mulher vivida que declina.

Eu escrevia-lhe extensas cartas, de noite, em vez de estudar, e as entregava pela manhã, quando ia para a aula particular do dr. Macedo, que, de bigode pintado e pince-nez de aros pretos, me preparava para o vestibular da Faculdade de Direito, "muito difficil, pequeno, muito difficil, que é que você pensa?!"

Para que pensar? Titia é que, pensando por mim, queria-me advogado. Um sonho que formara, um sonho pratico, sobretudo. Haveria de tratar dos seus papeis — uma atrapalhada, meu filho, que nem sei a quantas anda! — e cuidar dos seus bens, que eram meus afinal, dizia. Dizia isto e ainda mais, a bondosa da minha tia: que quando chegasse ao terceiro anno, venderia a chacara e compraria um palacete em Botafogo (que tivesse escadaria de marmore era o detalhe) para eu poder entrar na sociedade, como convinha a um moço formado.

Dulce não respondia as minhas misivas. Dava-me, em troca, retratos e chromos, que eu collava prodigamente nos compendios de philosophia, os unicos que levava para a aula, para abril-os no bonde, com infantil e desculpavel pretensão; segredava-me promessas, cochichava esperanças: um dia, hein?!... Teriamos uma casa pequenina, igual ás que ella via no cinema, fachada de pedra rustica, com muitos abat-jours dentro e vellinhas accesas na hora do jantar de serviço á franceza. Quando eu voltasse do escriptorio, a pasta dos negocios debaixo do braço, haveria de me esperar com um peignoir azul, de armiño na gola e cauda arrastando pelos tapetes da entradinha. Eu não gostava: nada de peignoir! Um vestido sport, blaise, sala curta, sapatos de tennis. Ella accedia, mas achava que, ao menos pela manhã, o peignoir era indispensavel. — Tá bem... Assim para a manhã, vá lá...

Enchia-se de ciumes infundados que me ilsonjeavam immenso, emprestando-me um ar summamente agradável de D. Juan, eu que não conhecia outra pequena que não ella. Contava, deixando os olhos rasgados fóra da vida, "que se tivesse um filhinho, haveria de chamar-se Fernando Luiz". Falava de amigas que se casaram muito moças e — pobres coitadas! — eram muitissimo infelizes. Uma até



A União Universitaria Feminina quando foi a homenagem á socia Doutora Maria Luiza Bittencourt

apanhava, "o marido era um barba-ro, não prestava p'ra nada e ella tão engraçadinha, só você vendo". Outra, chamava-se Heloisa e morava no 21, tinha morrido de parto na espera do Anno Novo.

— Parto?!

— Parto, sim, ou você está pensando que eu sou alguma bocoso?

Não pensava, juro. Pensava nos seus braços finos e naturalmente vagarosos nos gestos. Pensava nas suas pernas grossas, um desaccordo notavel e provocante com o corpo debil, infantil, com uma cintura de borboleta. Pensava nos seus cabellos enca-cheados, que ella alisava com oleo de côco — "é moda, sabe? A Luizinha usa assim". Luizinha, a filha do dr. Neves, morava na esquina e era a chic da rua, a discutida, a invejada, o modelo de elegancia no quarteirão, a pequena que mais apparecia no "Beliscando", secção feita pelo pratico da pharmacia Minerva (onde o dr. dava consultas gratis á pobreza) no jornalzinho do bairro.

A quinta-feira amanhecera chuvosa. Veiu uma ameaça de sol lá pelas nove horas, mas o chovisco venceu-o e, pluvioso e frio, varou o dia e entrou pela noite.

Foi com um tempo assim, desagradavel e feio, que, nos encontrando na matinée do Excelsior, eu que concebera o amor cousa tão facil e natural, que bastava duas creaturas se que-rerem, para se comprehenderem completamente, recebi de Dulce a primeira revelação desconcertante.

E' o caso que, quando o leão da Metro bocejou para a platéa, ella, com-pondo o vestido de georgette, de sorte que não se amarrotasse, encostou-se ao meu hombro:

— Você um dia vae me esquecer, não vae?

— Que bobagem, bemzinho. Onde é que você foi buscar esta ideia? — e dando palmadinhas na mão abandonada: Eu gosto tanto de você.

— Tanto ou muito? perguntou arrastando as syllabas.

— Muito!

Collou-se a mim, gemeu em voz de criança:

— Meu amor.

Tive vontade de responder como um echo:

— Meu amor.

Mas a mim, que nas minhas cartas fazia apparecer estas duas palavras de quatro em quatro linhas, faltou-me coragem para dizel-as em viva voz. Senti-me encabulado. Fatalmente perderiam com o meu timbre a força da sinceridade, tal como nos theatros a gente ouve o galã exclamar: Eu te amo! — mas percebe que aquillo não foi dito com o tom da verdade, foi recitado porque estava na peça e nada mais. Positivamente eu não representava nenhuma peça. Sentia-me sincero. Justificava-me interiormente: Que tolice! — E as palavras, no em-tanto, sentia-as penduradas do meus

labios, loucas para saltar. — Que tolice! insisti commigo mesmo. Ella me comprehenderá. Ella é mulher... (eram os romances que me fortaleciam). E os meus olhos não mentem. Os olhos, minhas attitudes... Fiquei mudo.

Dulce arrancou-se de mim e me gravou os olhos, séria, dum sério feio e elevado. Esteve para dizer-me algumas palavras duras, certamente. A bocca tremia-lhe. Não disse. Veiu-lhe uma ternura, como que uma fraqueza que a fosse tomando, tomando de-vagar, tal um narcotico. A face perdeu as feições energicas. Amolleceu. Esboçou um sorriso triste, depois encostou-se novamente ao meu corpo, humilde, pequenina e suspirou:

— Ah! se eu fosse rica!...

— Que é isto?! — saltei da cadeira — Você não me comprehende?!

Fez um gesto de infinita superioridade:

— Comprehando perfeitamente. Não sou tão ignorante assim! Mas talvez fosse mais feliz se não comprehendes-se.

Atirei-me contra ella:

— Mas você...

Levantou-se: — Vamos! — Tam-bem estavamos no fim: na tela o cynico de casaca apanhava do mocinho. A guriçada urrava.

Na rua, os bondes passavam já illu-minados, salpicando lama, quiz voltar ao assumpto:

— Dulce...

Teve um gesto de impaciencia:

— Não quero saber de nada.

— Mas...

Agitou-se toda:

— O melhor é nós acabarmos logo com isso tudo!

Não acabámos. Comprei-lhe uma tatinha, uma peaquinha de ouro com o seu nome e um vidro de perfume. Dei-lhe tambem um album para poesias, acabando, perdulariamente, com o dinheiro da mesada. Ella copiou mais de cem sonetos com uma letra

Um Conto de Marques Rebello

visivelmente floreada, os titulos em tinta roxa e deixou a primeira pagina em branco:

— Esta é para você escrever um senão eu devolvo o presente.

— Mas eu não sei fazer, eu não sou poeta!...

— Que não sabe o que! Deixe de fita. Você é tão intelligente.

Suei tres noites a fio e compuz o soneto: "Pensando em ti..." Achou-o muito bonito. Aquella imagem da saudade, então, era uma belleza! Eu sabia-o de côr.

Sua mão, baixa e gorda, deitava olhares molles e protectores ás nossas conversas no portão. A vizinha da esquerda, d. Chiquinha Pacheco, (pro-testante) achava um escandalo, com-mentando-as com ferocidade. Bôas aquellas horas de assumptos miudos: intrigas da Rosinha, mentiras do Vi-rósca, esperanças, esperanças... Ra-ramente eram interrompidas pelo pae, homem grisalho e acabado, que apparecia de pyjama e me chamava de doutor.

— Desculpe os trajes, doutor, desculpe, mas é que sei que o doutor não é de cerimonias.

O bom homem, pelo menos, não gostava disso. Nunca fôra de salama-reks e etiquetas, acreditasse. Tinha até raiva. Com elle era ali na sim-plicidade! Era franco: "quem não



Directores e artistas no estudio do Radio Club Fluminense, Niteroy, no dia da primeira irradiação.



O casal José Chrisostomo da Rosa Faria — Sulina Amante Faria no dia de suas bodas de prata.



No dia em que a "Ala Tudo pelo Antartica", festejou a sua fundação.

gostasse... E convidava para entrar: "casa de pobre..." Eu recusava, vermeilhissimo. Elle, então, ficava no portão, cruzava as pernas com jovialidade e vinha um nunca mais se acabar de casos do seu tempo de rapaz (tocara violão) e de estudante. Falava de sellos, era entendido, colleccionava-os ha muitos annos. "Igual ao meu album de sellos do Brasil, — só do Brasil, veja bem! — não era para contar prosa, mas não virava outro. Valia um dinheirão!..." O Antunes... Não sei se doutor conhece o Antunes da Casa Philatelica? Não? Pois o Antunes sempre me diz: — Quando você quizer se desfazer, Rodrigues, já sabe!...

Com elle não havia silencio que durasse:

— Ah! meu tempo!... suspirava para encher-o.

E relembra logo os carnavaes passados. Ah! o ultimo que elle brincara solteiro... Nem era bom falar!... Fôra um pagode! — e gargalhava. Ocorriam-lhe depois as encrencas do escriptorio, as piadas do "D. Quixote" — eram do Bastos Tigre, não precisava dizer mais nada! — e as doenças da filha que lhe trouxeram cabellos brancos, o dr. nem imaginava!... Não é mesmo, filhota?...

Acariciava-lhe o queixo, pequeno e saliente, com a mão cabelluda e grossa, a unha do dedo mindinho propositalmente comprida para necessidade do seu officio. Ella deitava a cabeça no seu hombro, como se escondendo, e respondia que sim.

Depois de S. Pedro, quando, muito habilitoso, fez e soltou um balão gigante de mais de trinta gomos, com a fallencia da fabrica de calçados, de que era guarda-livros, seu Rodrigues achou-se sem emprego e até, murmuravam, meio compromettido.

Ficou visivelmente abatido, lembro-me bem. Emmagreceu, a barba crescia-lhe desleixadamente, fugia de me encontrar, não tinha mais hora certa de chegar em casa.

Um dia, levou a sua colleção de sellos para o Antunes, vendeu os poucos moveis que possuia, um piano entre elles, "o piano da Dulce", em que ella tocava valsas lentas no tombar das tardes calidas, e foi morar, por favor, em casa de um irmão, funcionario dos Correios, nos confins do Riachuelo.

D. Zulmira tinha um traço característico que a marcava: a conformação. Todo

e qualquer desastre que acontecesse parecia-lhe pouco. Balançou os hombros (os seios gastos se saacudiram): "Podia ser peor". Inflexionava esperanças na voz de dentes postigos: Um dia se concerta a viola. Se não concertar, paciência...

Era muito religiosa, mas não ia á missa porque não tinha tempo. Ia ao mez de Maria, ás vezes, nas noites melhores, — maio é tão frio e o seu rheumatismo não dormia — com um vestido de *voile* estampado, um *chale* preto agasalhando-lhe a cabeça e o pescoço, pelo braço da filha, que ouvia piadas dos rapazes ao atravessar o jardim.

No dia da mudança — o azul do céu abysmava — foi se despedir de titia, se bem que nunca tivesse trocado visitas, simples amizade de cumprimentos. Transparecia-lhe das palavras um certo tom de sinceridade e amargura que não lhe conhecera até então. Accentuou, assim por alto, alguns planos do marido: "Vamos ver se dá certo!..." — e me offereceu muito a casa:

— Não é minha, mas é como se fosse. Apareça. Olhe que Dulcinha gosta muito do senhor!

Minha tia sorriu por cima dos oculos, D. Zulmira lançou qualquer piada batida sobre a ingratidão, mas eu já não ouvia. Chegara-me para a Dulce, que se mostrava succumbida, fingindo apreciar o espelho venesiano da nossa sala de visitas, toda dourada, onde, na verdade, ella nunca entrara.

Requebrou-se toda:

— Você se lembra?

— Como poderia esquecer?

Ella me mostrava, da janella avarandada onde nos refugiamos, o capinzal, ponto dos nossos primeiros encontros. Não diziamos palavra... Recapitulavamos o passado! Lá estava elle, o capinzal dos nossos amores! Ali conversamos pelas primeiras vezes, eu confuso, misturando interrogações perfeitamente idiotas, me contradizendo a todo instante, pueril e sem graça, ella mais calma, mais reflectida, procurando manter ás nossas entrevistas num certo pé de naturalidade, que de mim não poderia vir. De vespera ensaiava repetidamente phrases e perguntas que nunca conseguia desembuxar ao chegar o momento, o momento fugaz, quando ella, de saia azul-marinho e blusa branca, voltava com o

chapéo de panno na mão, da Escola Modello.

Rompi o silencio:

— E você se lembra, depois, daquelle dia que eu...

— Já sei: pediu um beijo.

— E'.

— E eu dei? — ri.

— Não.

— Você já tinha ficado pirata, hein?

— Eu?!

Pirata! Senti-me deliciosamente fisongeado. Pirata! Quiz prolongar a sensação:

— E me dá hoje?

— Não.

— Jura?

— Não! — e chegava-se para mim, de mãos para traz, a bocca que era um sonho, uma amora, um...

Titia tossiu e nos amedrontamos, mal-dita bronchite! O sol se encobria, já passava das quatro. O lado impar da rua era só sombra. D. Zulmira se levantou.

Na despedida do portão, Dulce apertou-me a mão com calor — que calor! — um calor que jámais tivera. Demoradamente deixou cahir, dentro dos meus, seus olhos claros e amendoados, vermelhos de lagrimas que não queriam rebentar. Desejou-me felicidades a sorrir, "que estudasse muito para não ficar um advogado burro".

Levei-as, carregadas de embrulhos, até ao bonde, prometti que no primeiro domingo, sem falta...

— Olhe, lá!...

— Vão ver.

Disseram adeus quando o vehiculo partiu, rangendo, pelos trilhos que se extendiam. A escola publica despejava crianças em alarido. Senti-me só no meio da rua. O bonde continuava; parou, tornou a rodar, meninos tomaram-lhe a trazeira, o conductor enxotava-os, elles saltavam em vaías, e o bonde, verde, ia ficando menor na distancia arborizada. Mais uma esquina e desapareceria. Senti-me tremendamente só. Desconhecia as casas. Olhava: não comprehendia. Onde estou?! Os meninos gritavam, gritavam mais alto, mais. Senti que tudo gritava e quiz gritar também: Dulce! Dulce!

Mas passou o primeiro domingo, o segundo, o terceiro, todos os domingos e eu nunca mais vi a minha primeira namorada.

MARQUES REBELLO

A PRECE DO MENINO ABANDONADO

MENINO:

— Por uma circunstancia que ignoro, fui lançado num rio e abandonado à minha sorte como um animal inútil. Por isso necessito de tudo.
Tu tens paes, irmãos e amigos que te querem e escutam os teus pedidos e até teus caprichos. Eu não conheço minha familia.

Tu tens livros e brinquedos. Eu os vejo apenas nas vitrinas.

Tu tens casa confortavel e cama carinhosa. Minha pobreza é tão grande que durmo na soleira de uma porta.

Tu tens roupas limpas, adequadas ao tempo. Eu vou coberto de andrajos.

Teus paes zelam pela tua educação para que sejas amanhã um cavalheiro respeitado. Meus mestres são outros desgraçados como eu que me ensinam o que elles aprenderam na escola da depravação e do vicio.

Tu, com pouco esforço, seguirás, sendo feliz, pois tudo contribue para isso. Meu destino conduz-me a outro caminho. Eu serei um desgraçado pária da sociedade.

E, sobretudo, menino, tens mãe, cujo nome santo te orgulha tanto.

Eu não conheço a minha.

Considera a differença que existe entre nós dois.

Pensa, entretanto, que não sou eu o culpado da desgraça em que me encontro.

Tu podes contribuir para minha redempção de muitos modos, pois eu prefiro o lar e a officina à vida errante de vicio e ocio, e me quero redimir pelo trabalho.

A teu nobre coração dirijo minha prece e se de alguma maneira generosa contribues para minha regeneração, que Deus te bemdiga!

HILARIO SANZ



DOIS
POEMAS
DE
PAULO
TORRES

INTVICAÇÃO

Papae,
por que será que os outros homens dormem em casa
e aquelle homem de barba grande
dorme no banco do jardim?

Papae,
por que será que elle não vae dormir em casa delle?

ORGANISAÇÃO

Os filhos do preso
da penitenciaria
estão cumprindo pena de morte nas ruas.

D E
SAM
JOE

CONVERSA

— Mamãe, esta semana eu estive bem comportado, não foi?

— Foi, sim. Você esteve um amor de filho.

— Agora mamãe tem confiança em mim, não tem?

— De certo.

— Mas confiança mesmo, confiança de verdade?

— Sim. Pois a mamãe não ha de ter confiança no seu filhinho?

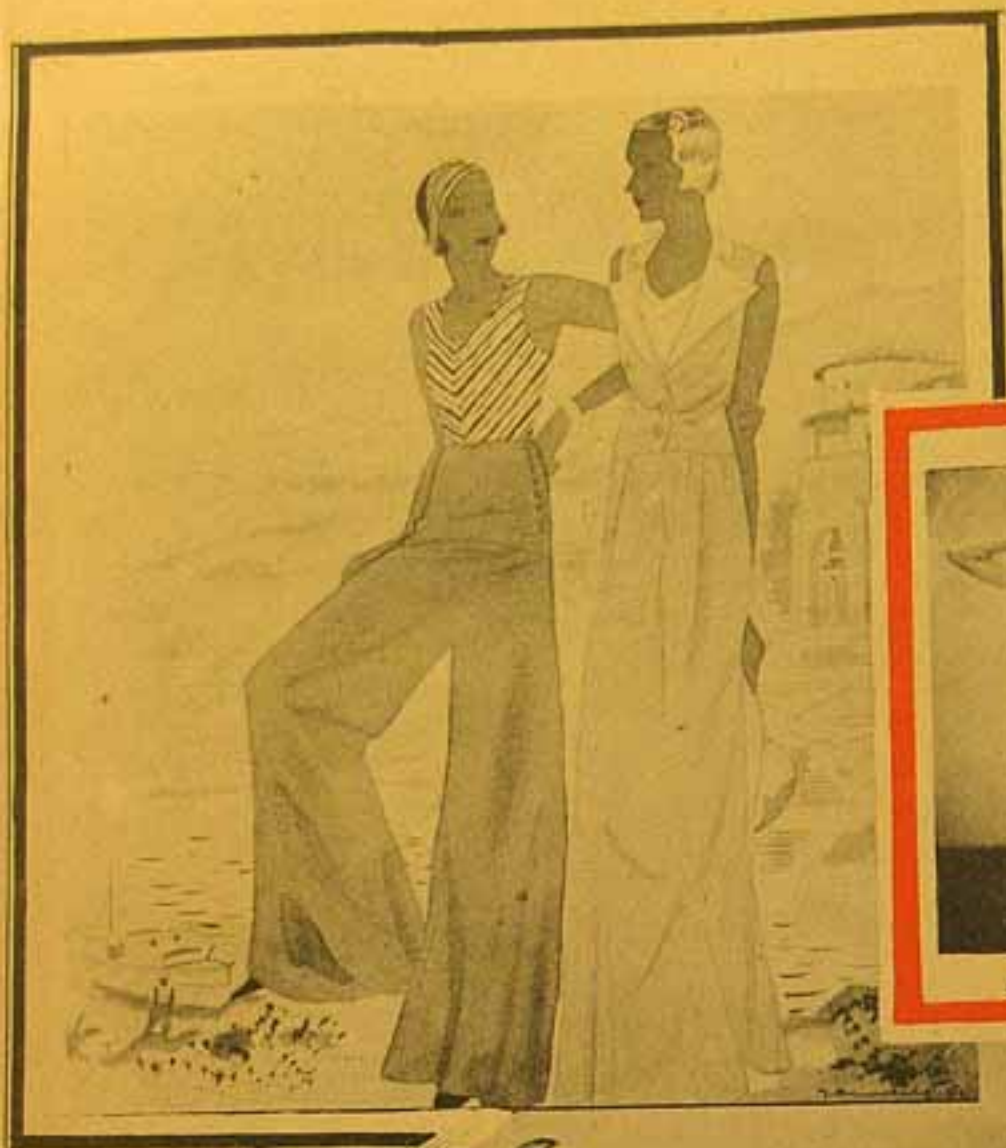
— E' ?...

— E' !

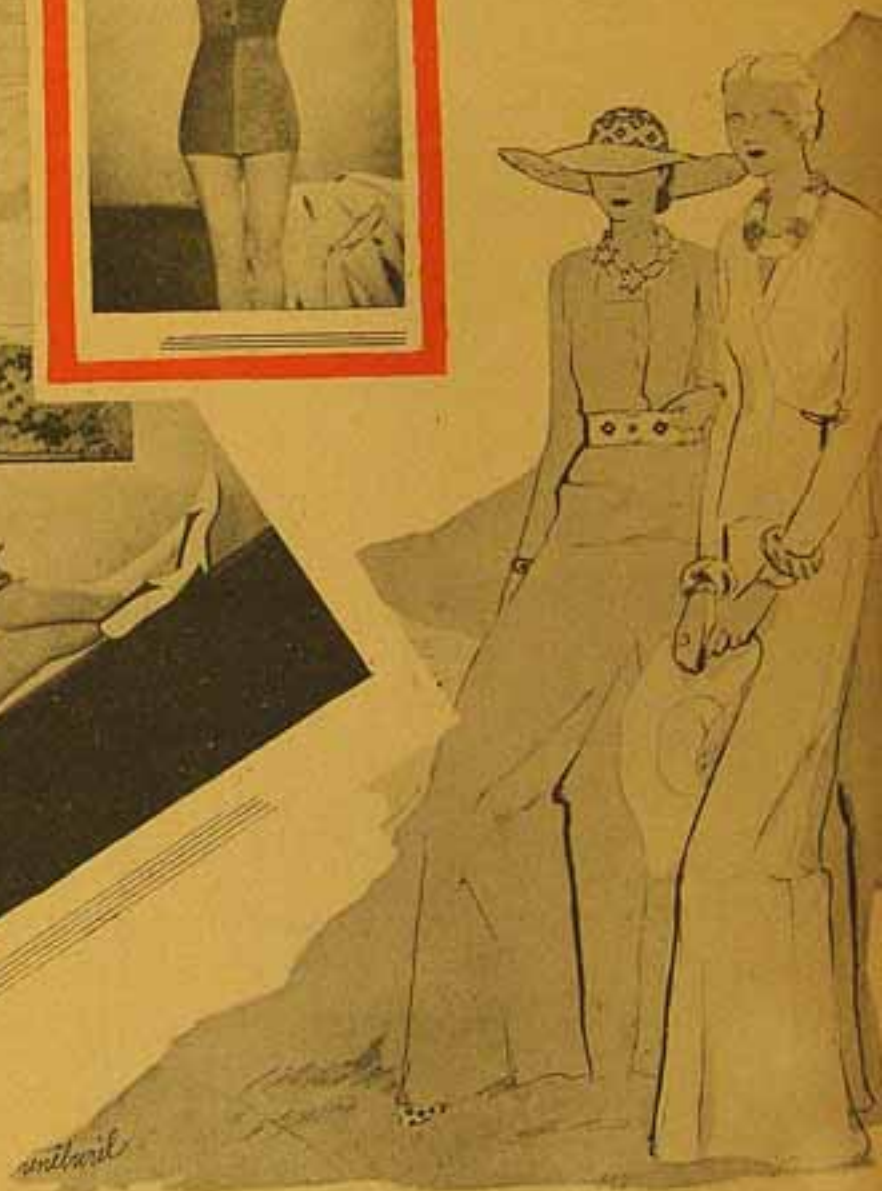
— Então diz: onde é que você escondeu os doces.

jos que apparecem sobre as areias douradas, debaixo do sol?

Lenços de Java foram transformados em pittorescos gorros, com uma ponta na frente, exactamente como certos chapéus creados por Drags. De Madagascar trouxeram os cintos de palha trançada em varias cores e as sandalias cujo desenho fórma uma flor com petalas vermelhas, verdes e pretas. Do templo de Augkor as largas pulseiras de prata trabalhada. De Camerou os enormes chapéus com as copas bordadas



A Exposição Colonial de Paris inspirou os costureiros na confecção dos novos pyjamas de praia e em tudo que os guarnece e acompanha. Os passeios no parque de Vincennes, as visitas aos pavilhões cheios de coisas tão extranias e tão diversas, impregnaram-lhes os olhos de uma fantasia e de um exotismo imprevistos. E onde poderiam applicar melhor tudo aquillo que viam e que merecia ser aproveitado, pela espontaneidade da arte, do que nos tra-



Moda

em tons diversos, excelentes para evitar a grande força do sol. De Tahiti os colares de pa-

lha onde as flores desabroçam e os de conchas rosadas e arroxeadas, grossos, redondos. Esses colares de conchas são aliás um encantador passa-tempo para o verão, em vez dos eternos bordados. Da Indochina, a fôrma de certos casacos. As pesadas pulseiras de marfim branco e castanho da África.

E com isso tudo as praias este anno vão ficar mais lindas do que nunca. Tudo que é excêntrico, tudo que é berrante a moda permite e aconselha para acompanhar os pyjamas de shantung. Porque, não é preciso dizer, os pyjamas são sempre de shantung.

Estas paginas mostram além dos mais modernos pyjamas com os competentes chapéus, collares, pulseiras, cintos, sandalias, algumas roupas de banho, tudo assignado pelos maiores nomes de Paris.



historia

de René

desenho de helio



Os olhos de geisha parados e suaves como um romance sentimental.

Os cabelos brilhantes e macios como um pedaço de veludo cor de lua.

A boca parecia um coração estilizado.

Ella veio de Paris em uma caixa muito bonita, toda pintada de azul.

Os dedinhos muito compridos e muito finos colados ao vestido cor de cinza.

O seu corpinho esguio ficava todo desenhado naquella vestido cor de penumbra.

A expressão era sempre a mesma. Tão bonita.

"boudoir" tinha a elegância da "garçonniere" de um snob. E tinha mais luz e era muito mais alegre do que a caixinha azul em que ella morava na casa de modas.

Em volta havia uma porção de moveis. Muitas almofadas coloridas. Outras bonecas.

Em frente, tombado no "mapple" um Pierrot, com a cara toda manchada de giz, tinha os olhos imersos nos seus olhos.

Ella fixou os olhos meigos nos olhos tristes do Pierrot infeliz.

A physionomia angulada de soffrimento fazia nascer em sua alma de boneca, um sentimento de enorme compaixão.

Qual seria a historia daquelle Pierrot enamorado? Não se sabe.

Talvez a historia de todos os Pierrots que nasceram bonecos. Tristes bonecos decorativos.

Uma parada de estrelas.
A lua tomando banho no lago.
Elle.
Ella.

Estavam tão unidos que os vagalumes de vez em quando accendiam as lanterninhas verdes para verem se era uma pessoa só.

Perto da amurada elles pararam. Parece que falavam. Depois foram mil beijos de amor.

Os remos afundaram. O barco riscou o manto prateado das aguas.

Da outra margem vinha vindo uma voz sonora e leve, como o vôo das gaivotas.

Columbina cerrou os olhos. Sonhava.

Os remos pararam de ferir a agua.
Pierrot parecia, tambem, sonhar.

Quando a "hawainne" gemeu a ultima nota a voz mysteriosa parou de cantar.

Arlequin bello e perfeito como uma escultura chegou-se á beira do lago perfumado.

Os seus olhos pareciam envolver todo o corpinho pequenino de Columbina.

Ella cerrou mais os olhos com um sorriso.

Pierrot tinha a expressão dos que soffrem.

A boneca que viera da casa de modas estava ainda pensando no romance do Pierrot manchado de giz, quando uma moça muito alva e muito loura entrou no "boudoir".

Pierrot olhava enamorado para uns olhos de geisha, parados e suaves como um romance sentimental.

A moça dos cabelos dourados sorriu para a boneca vestida de "gris perle". Tão bonita.

Depois tomou Pierrot nos braços. Levou-o.

Quando Pierrot sentiu fugirem os olhos obliquos e alongados da boneca, esguia e morena como a fumaça de um "Ardhat", ficou triste como tão triste elle nunca ficara.

A boneca continuou olhando o "mapple" vazio, onde já não estava mais um Pierrot triste, todo manchado de giz que olhava enamorado para dentro dos seus olhos.

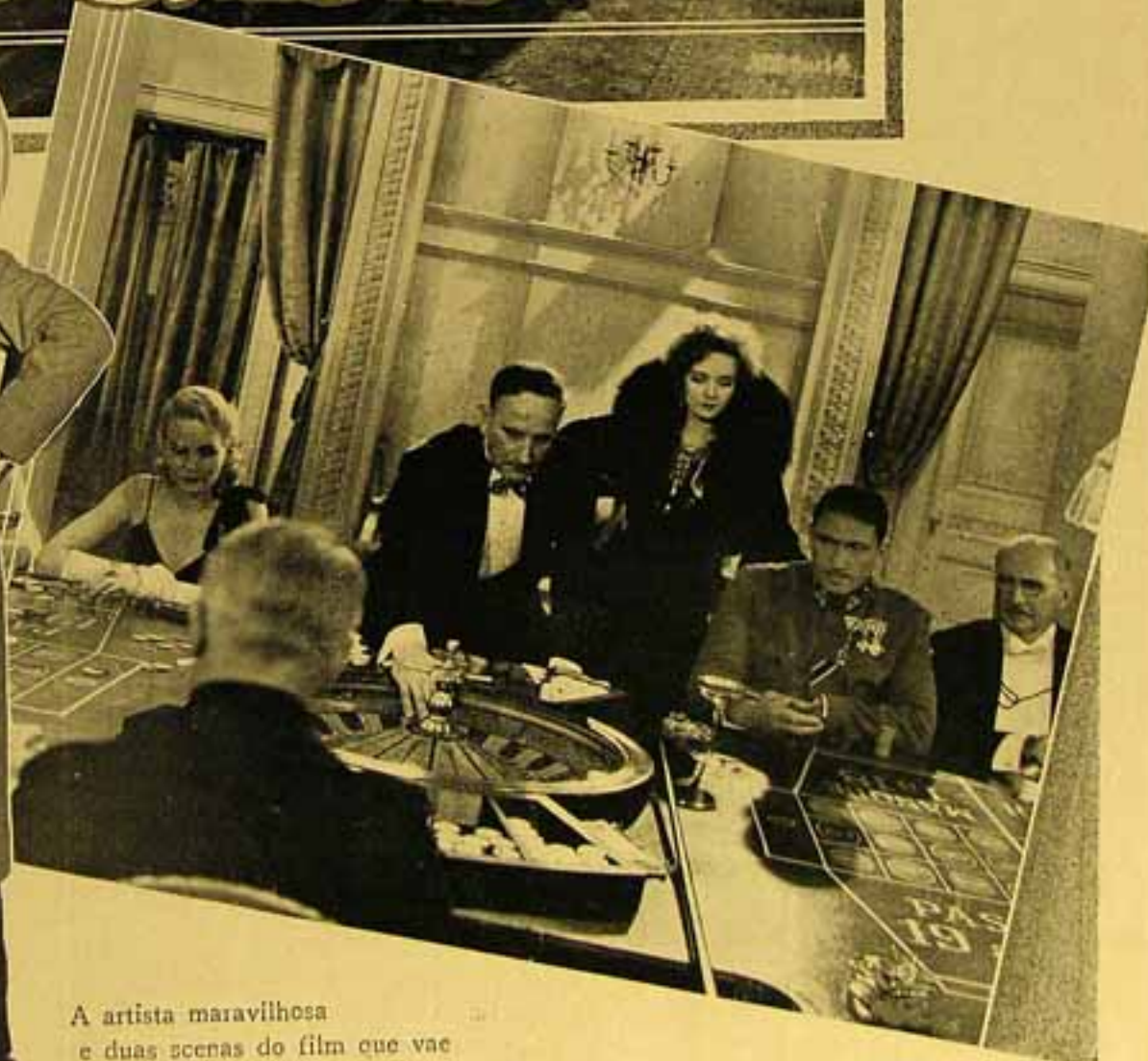
PARA TODOS...

Marlene em

film que a Paramount vai apresentar, desde 28 deste mez, nos cinemas Capitolio e Imperio. Marlene Dietrich volta diferente e ella mesma: a mulher, toda mulher. Victor McLaglen e Barry Norton são seus companheiros.



Desthonrado



A artista maravilhosa e duas scenas do film que vai levar a cidade inteira ás salas da Paramount.



Medalhas Ilustrações Cartazes

A DALBERTO Mattos inaugura hoje, às 3 horas da tarde, no edificio do Lyceô de Artes e Offícios, uma interessante exposição. O nome do artista é bem conhecido. A sua "fé de officio" é bonita. Natural do Estado do Rio de Janeiro, Antigo alumno do Lyceô de Artes e Offícios e Escola Nacional de Bellas Artes. Premiado nos Salões Officiaes de Bellas Artes com Menção Honrosa de 2º grão em 1907; Menção Honrosa de 1º grão em 1908; Premio de Viagem á Europa em 1909; Grande Medalha de Prata em 1912; Pequena Medalha de ouro em 1913; Grande Medalha de ouro em 1926. Hora Concorra nos Salões Officiaes de Bellas Artes. Professor do Lyceô de Artes e Offícios; Membro effectivo do antigo Conselho Superior de Bellas Artes e Conselho Deliberativo da Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Membro da Academia Fluminense de Letras. Atelier: Lyceô de Artes e Offícios.

A musica

CEIÇÃO de Barros Barreto, artista admirável, harmonizou e recolheu num album uma cômica



de cantigas de ródá. Deu-lhes este titulo: "Cantigas de quando eu era pequenina". Correia Dias fez as illustrações. Olegario Marianno escreveu este prefacio:

"Quem procure recordar pela imaginação ou pela saudade o sabor do Passado, através das suas tradições mais amadas e das suas lendas mais puras, encontra como suprema conquista da intelligencia humana, — a musica, expressão que deu rythmo á vida sentimental de todos os povos,



A d a n s a

As menores alumnas de Klara Korte que tomaram parte na linda festa do dia 12 no Theatro João Caetano.

em todas as edades. Foi ella, sem duvida, um alto factor na educação da sensibilidade humana.

No coração da criança, mal formado ainda, ella depositou a primeira gotta de orvalho da primeira emoção, o primeiro beijo de doçura christian, a primeira lagrima de tristeza. E tão fundo penetrou essas almas virgens de sonhos, e tantas raizes creou lá dentro, que, annos e annos decorridos em vicissitudes ou tem aventuras de vida, a criança de hontem que é o homem de hoje, póde haver olvidado os episodios maiores da existencia, mas não esqueceu nem esquecerá até que baixe o crepusculo, as cantigas de ródá que cantou e dansou quando menino.

São essas migalhas de ventura alheia que Ceição de Barros Barreto tirou da arca da memoria para entornar nas mãos das crianças da nossa terra.

"Cantigas de quando eu era pequenina" são contos de um rosario que todas as creaturas de Deus devem desfilar cantando, umas na alegria inconsciente do momento que passa, outras na pungente recordação do tempo que passou como uma cantiga, cuja resonancia ainda perdura á flor dos labios e á flor das almas".

As formigas

CADA uma dellas parece o numero 3. Como ha formigas! Chi! Como ha formigas!

Ha 3333333333333333... até ao infinito.

Jules Renard

Os livros



Paulo Gustavo acaba de publicar: "Por amor ao meu amor", poema.



Leão de Vasconcellos publicou "Canto novo do meu amor", poema.



Mario Villalva publicou "Fagundes Varela", estudo.

r a m a

O teatro

QUANDO estive aqui, o anno passado. Spinelly conversava com alegria sobre os autores novoz. Uma noite, depois de "Le Dompneur", de Alfred Savoir,



Spinelly

ella disse que o teatro tinha passado por uma grande transformação. Para fazer successo, as peças de hoje têm que ter originalidade de pensamento, phrases de espirito, acção muito sóbria. O dialogo é tudo no teatro moderno. Pagnol, Bourdet, Giraudoux, os autores mais admirados de Spinelly. O teatro classico caceteia. Os dramas de these e de estudos psychologicos enjoam. O "vaudeville" cahiu inteiramente. Está claro que a querida artista falava do teatro em Paris. A declaração da queda do "vaudeville" foi o motivo desta pequena lembrança. E' que no Theatre Casino está annunciada uma "Companhia de Vaudevilles brejeiros, genero da Spinelly" (assim mesmo). Com certeza o genero não vai ser bem o "da Spinelly". Vai ser como aquella corrente da anecdota: "às vezes"...

Pedaços

(de uma comedia inédita que provavelmente ficará inédita).

Personagens: Um homem triste. Um diabo.
Ha outros.
(No carnaval).

Hoje, o Diabo é assim como vê: ha-nal...

— Como uma mulher?
— Não chego a tanto; como um homem.

— Foi honesto. Mas depois deixei.
— Cansou?

— Não. Vi que os outros não reparavam...

Só ha um qualificativo insultuoso para as mulheres: *mulher*.

A dançarina (ao palhaço):
Você não tem graça nenhuma!
O palhaço (à dançarina):
Pois é! Eu sou um palhaço!...

— E' um grande escriptor. Sua ultima obra foi o maior successo de livraria destes ultimos annos no Brazil.

— Sim?

— E'. Venderam-se 20 exemplares. Elle, porém, teve o cuidado de offerecer os 9.980 restantes a todos os seus amigos com dedicatorias captivantes. Um grande escriptor!

Capitalista gorado, advogado frustado, jornalista malogrado: eis o que sou. E não quero ser nada mais...

— Quem és?
— Uma mascarada.
— De onde vens?
— Que te importa?
— E o que desejas?
— Viver.
— E' pouca coisa. Geralmente, as mulheres querem mais.
— Para viver...

No Inferno não ha mais nada, depois da Revolução. Os antigos chefes perderam o prestigio. Os diabos são melancolicos e impotentes. O proprio Mefistopheles do "Fausto", já era uma caricatura. E um dos seus escriptores, Leonidas Andrew, zombou amargamente de um pobre Diabo Velho que se humanizou.

E vocês é que perdem com isso. Destruindo a legenda terrivel e heroica de Satanaz, é um sonho a menos que vocês têm.

— Os homens pretendem conquistar o Inferno.

— Seria uma covardia. Nós não podemos lutar com vocês. Esse delirio imperialista do Homem é a coisa mais irritante do mundo. Mas eu acho que o Céu está mais ameaçado do que nós...

— O Céu não nos interessa.
— Pois olhe, E' mais divertido.

Nasci. Cresci. Fiquei homem. Amanhã, envelhecerei. Depois, hei de morrer...

Eis em que eu me pareço exactamente com o meu criado.

Todos os deuses se parecem num ponto: no humorismo.

O FINAL:

O Diabo:

Eras triste.

Eu era a alegria zombeteira, a ironia irreverente. A graça eterna.

Dêste-me a tua tristeza, a tua neurostenia, o teu tédio.

Estou doente.

Vou me recolher a um convento, reconciliado com a Igreja. Vamos?

O homem triste

(com a incoherencia de todos os homens):

Não posso. Não vês que hoje é carnaval? — Vou me divertir...

LUIZ MARTINS

A conferencia

NO Salão Nicollas, a joven escriptora paulista Maria Xavier da Silveira, que é tambem bacharel em Direito, fez, ha dias, uma conferencia sobre "As Estrellas". Faz, hoje, no mesmo logar, ás cinco horas da tarde, outra conferencia: sobre "O Dinheiro". As predilecções da Dra. Maria pelas coisas que a gente vê de longe tornam as suas palestras encantadoras como historias de fadas, contos de um mundo que fica além muito além dos nossos cinco sentidos promptos e melancolicos...



O
S
d
i
s
c
o
s

Ada Macaggi. Faz versos. Faz musica. Diz os versos. Canta a musica. Gravou "Bêra-rio" e "Noiva fié", cantigas della mesma por ella mesma, com a sua voz do Paraná.

Em baixo:

Maria

Lima

Carneiro

com

Heitor

Kastrop



Em

cima:

Hermesilia

Medeiros

com

Murillo

Soares

Heitor

Casamentos



Em baixo,
à esquerda:

Maximinia Corrêa

com

Alvaro Francisco Corrêa



Em cima:
Helena de Oliveira
Amorim
com Carlos Ma-
nhães de Andrade

Anna Gianini
com João Miranda

PARA TODOS...



Dentes *como um fio de Perolas*

*Escovar os
dentes com a pasta*

ODOL

*e empregar ao mesmo
tempo o líquido*

ODOL

*é transformar a
dentadura num
fio de Perolas.*

A pasta „Odol“ torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

O líquido „Odol“ penetra em todos os interstícios dos dentes, embebe de substâncias desinfectantes os resíduos ali retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.



Graphologia

AVISO

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permitido para respostas.

DASINHA (RIO) — Como já tenho dito a diversas das gentis consulentes, o "proximo numero do Para todos..." está já sempre prompto quando recebo as cartas pedindo respostas nesse "proximo numero", pois a revista é feita com grande antecedencia.

Aqui vai o que li na sua graphia: bondade, candura, bon-fé, inexperiencia, credulidade. Um pouquinho de espirito de vingança, apesar de tudo, não a procurando por suas proprias mãos, porém regosijando-se quando "ella" vem ao encontro dos seus desejos. Senso artistico, amor ao Bello e á Natureza.

ARLEQUIM (Rio) — Devia ter escripto a tinta e sobre papel sem pauta para se fazer o estudo que pede. Quanto aos desenhos a que se refere devem ser feitos com tinta nankin sobre papel bem claro; de preferencia cartolina.

GARDENIA CONSUELO (Bahia) — Originalidade, espirito excentrico, com preocupação de ser unico. Sentidos um tanto exaltados, teimosia, franqueza rude. A maneira de cortar os tt é uma prova do seu temperamento original. Muito fina, susceptível de se melindrar. Grande alegria de viver, iniciativa propria, confiança em si mesma.

MME. TRISTONHA (Jahú) — Temperamento variavel, inconstante, cheio de inquietação e desasoscego. Nervosismo, pressa, curiosidade. E' vaidosa, amiga do luxo e do conforto. A maneira de graphar o til e cortar os tt indica que liga pouco caso ao juizo que possam fazer de sua pessoa, des-

Lindos dentes!...

O elogio que todos gostariam de ouvir, pois uma linda dentadura, além do encanto que dá a quem a possui, é a prova mais cabal de uma saúde perfeita e trato aprimorado.

Evite a cárie, as gengivas descarnadas e o mau halito, usando a

PASTA ORIENTAL

(Basta um centimetro sobre a escova secca).

Como complemento use ainda

O ELIXIR DE SAUDE "ORIENTAL"

que vos proporcionará um paladar agradável, garantindo a asepsia da mucosa bucal e das vias respiratorias.



GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS
S/A. M. DALLAPÉ & FILHO
 Stradella - (Italia)

Harmonicas de luxo. Grande marca universal. Ultra elegantes.

PECAM CATALÓGOS AO CONCESSIONARIO EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello

LINHA MOBYANA (Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

de que se sinta bem com sua consciencia.

E' decidida, ativa, independente. No momento de escrever estava sob uma impressão forte. Alta tensão nervosa.

APOLO (?) — Graphia de pessoa

laconica, simples, com bastante poder de logica, deducção clara e concatenação de idéas. Tem resoluções promptas e accertadas. Um tanto impulsiva, impetuosa mesmo, egoista, o que pode ser levado á conta de ciúmes...

FREYA (Rio) — Letra grande de pessoa franca, generosa, cheia de nobres ideaes, altas aspirações e um tanto orgulhosa tambem, sem mesmo dar por isso. Como todas as graciosas filhas de Eva é caprichosa, com alguma teimosia quando deseja al-

— Que bellos cabellos têm os nossos patricios, dizia, no ultimo domingo, no Stadium do Vasco da Gama, uma carioca gentil. — E' porque só usam a JUVENTUDE ALEXANDRE, o melhor tonico para os cabellos. Vende-se em qualquer Pharmacia ou Drogaria pelo preço de 4\$000 e 6\$400 pelo Correio. Depositarios: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

PARA TODOS...

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
D^r EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
4.000

DIGA COMNOSCO



D^r Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS
DA
LUGOLINA
E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

cançar qualquer cousa. Intelligente, estudiosa, muito elegante e com natural coquetteria.

CARLOS DE AMITA (Rio Grande do Sul — Porto Alegre) — Sua graphia é de pessoa desordenada, inconstante, despreocupada, com alguma intelligencia, porém, pouco cultivado intellectual. Muito affectivo, dedicado,

porém pouco fiel ás amizades. Falta-lhe o senso da medida, a ponderação, a calma. Espirito maleavel, deixa-se levar por opiniões alheias, sem menor exame.

IZA (S. PAULO) — A irregularidade a que se refere não quer dizer falta de caracter, como sua mestra julgava. Trata-se de um caracter va-

riavel, inconstante, cheia de incoherencias, difficil de ser comprehendido. A propria Iza muitas vezes ficará indecisa sobre o que deseja. E' uma insatisfeita, vivendo sempre em busca de um ideal inatingido, em perpetua ansia de perfeição.

ZAZA' (Recife) — Sua graphia revela uma creatura bondosa, um tanto dissimulada, com bastante energia, força de vontade, animosa, cheia de esperanças e de illusões. Tem senso artistico, espirito fantasista, imaginação fertil e poderosa.

Seguiu carta para o endereço enviado.

TRISTÃO DE ISOLDA

De Max Jacole

A intelligencia é a possibilidade das idéias geraes e da confrontação de todos.

O entendimento é a descida da idéia em nós com o que se mistura nella de sensibilidade; é o que dá a convicção e a força.

O bom senso é o instinto do verdadeiro.

O discernimento é a applicação consciente desse instinto.

GYRALDOSE

para a hygiene intima da mulher

Excellent product, que não é toxico; descongestionante, anti-leucorrheico, resolutivo e cicatrizante. Odor muito agradável. Emprego continuo muito economico. Dá um bem estar real.

Chatelein
Farmaceuticos dos
Hospitais de Paris.
2, r. de Valenciennes,
em Paris, e em todas
as Pharmacias.



**Antiseptiza
e perfuma**

Com a Academia
de Med. de Paris
14 de Out. de 1913

Approvado pelo De-
partamento Nacional
de Saúde Publica de
Rio de Janeiro.
Nº 1834 - 24 de junho
de 1920.

O SEGREDO DE JUVENTUDE
A GYRALDOSE dá a graça e a saúde

Depositaros exclusivos no Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & Cia. — Urugulana, 27 — Rio

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.
Deposito geral:

ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

A. DORET

Penteado moderno e chic

Tinta para cabelos imitando a cor natural, garantida e inofensiva. Ondulação indefrisável com onda larga e macia.



Postiço especial para soirée ou para o chapéu da moda — Um bom perfume — Mãos bem tratadas —
Foi, é, e será sempre a primeira casa

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

No tratamento da syphilis adquirida ou hereditária!

Attesto "in fide gradis", já ter empregado com os mais satisfatórios resultados e em diversos casos de minhas clínicas hospitalar e civil, nos Estados de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo, o preparado "ELIXIR de NOGUEIRA" do competente químico farmacêutico João da Silva Silveira. Por isso, tenho em conta esse preparado como um dos bons agentes terapêuticos no tratamento da maior parte de curas de lues adquirida ou hereditária.



Nitheroy, 21 de Janeiro de 1924.

Dr. Everaldo Fairbanks

Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ex-interno dos Hospitais de S. Sebastião da Capital Federal e S. João Baptista, de Nitheroy.

SYPHILIS?
ELIXIR DE NOGUEIRA
GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

DOS OUTROS

A arte de ser feliz é a arte de ignorar... Si pudessemos não saber nada... Mas é mais forte do que nós, precisamos saber. O homem só differe do animal numa coisa: é que o homem inventou o ponto de interrogação...
Georges-Armand Masson

A S coisas sempre se arranjam! Sim, mas de outro jeito... — Paul Morand

O caso é frequente na historia dos povos. Os mediocres tratam os homens direitos de idiotas e intitulam-se homens direitos porque são mediocres. Entre os tolos e os canalhas, Machiavel não hesitava: preferia os canalhas... — Giuseppe Prezzolini

O caminho mais curto para um homem encontrar-se a si mesmo, dá a volta do mundo. — Herman Keyserling

A humildade é a pedra de toque das virtudes christãs: em nos ella faltando conservamos quantos defeitos temos; rebaça-os o amor proprio e os enobrece a nossos olhos, e aos dos outros... —
La Rochefoucauld

Horoscopos Graphologia

faz Mme Josepha Tort
Caixa Postal 2417. Rio de Janeiro



Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria. A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjugua e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus aparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o **Nutrion**, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

NUTRION



MOVEIS, TAPEÇARIAS
E
DECORAÇÕES EM GERAL

ASA UNES
MARCA REGISTRADA

65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO